

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
Instituto de Geociências e Ciências Exatas
Câmpus de Rio Claro

JOSIANA APARECIDA LIMA

A PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO: MIGRANTES
NORDESTINOS NO MUNICÍPIO DE LEME-SP
“Caminhos, Estradas e Sonhos”

Trabalho de Graduação apresentado ao Instituto de Geociências e Ciências Exatas - Câmpus de Rio Claro, da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, para obtenção do grau de Bacharel em Geografia.

Rio Claro - SP

2011

*Dedico este trabalho a Maria,
mãe, mulher, exemplo de força,
superação e amor pela vida.*

“Só deixo o meu Cariri,
no último pau-de-arara (...)
que Deus do céu me ajude,
quem deixa a terra natal,
em outro canto não para (...)”.

Último Pau de Arara,

Composição Venâncio/Corumbá/J. Guimarães

“Quando eu vim do sertão,
seu moço, do meu Bodocó.

A maleta era um saco
e o cadeado era um nó.

Só trazia a coragem e a cara,
viajando num pau de arara,
eu penei, mas aqui cheguei (...)

Trouxe um zabumba, no matolão,
trouxe um banguê, no matolão
trouxe a saudade, dentro do matolão.

Xote, maracatu e baião,
tudo isso eu trouxe no meu matolão (...)”

Pau de Arara, composição Luiz Gonzaga & Guido Moraes

AGRADECIMENTOS:

A minha família, em especial a minha mãe Maria e ao meu *avohai* Leopoldino que serviram de inspiração para elaboração deste trabalho.

As tantas dificuldades, que me fizeram superar dúvidas, pois sem elas não haveriam a construção e reconstrução do conhecimento.

Aos trabalhadores rurais temporários, que dividiram suas experiências e sentimentos.

Aos amigos, cada qual com seus mistérios, que contribuíram de maneira intensa na minha formação, e questionamentos sobre a vida.

Aos órgãos municipais que concederam informações imprescindíveis para a realização deste trabalho, aos funcionários da biblioteca, dos departamentos de Geografia e DEPLAN (UNESP – Rio Claro), que sempre me ajudaram em momentos de dificuldades.

E em especial à Prof^a Dr^a Bernadete pela orientação e amizade, e Roberto pelas críticas e incentivos que permitiram uma evolução na minha pesquisa.

Agradeço a todos que de alguma maneira contribuíram direta ou indiretamente para a realização deste trabalho.

APRESENTAÇÃO

O curso de Geografia pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP) *campus* de Rio Claro, proporcionou-me um enriquecimento humano e intelectual, através das diversas atividades que participei dentro do tripé universitário: Ensino, Pesquisa e Extensão.

Tive uma vida acadêmica intensa, participando de grupos de Pesquisa como o PET/Mec/Sesu (Programa de Ensino Tutorial), grupos de extensão como o cursinho comunitário ATHO (Ação Transformadora do Homem), que possibilitou-me os primeiros passos da docência, a Cia. Teatral Bumba-Meu-Baco, que no limiar da construção do grupo me permitiu uma abertura para o campo das artes, bem como entender que as relações humanas são reflexivas. Experiências que na maioria das vezes transpuseram os muros da Universidade.

Todavia para a elaboração Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) foi preciso retomar fatos, que antecederam o meu ingresso na Universidade, questionamentos e esclarecimentos da minha trajetória, em especial o reconhecimento de pertencer a uma classe, visto que esta pesquisa começou no ano de 2007, momento em que ingressei nesta Universidade, e que através da bolsa auxílio para alunos carentes (BAAE I) iniciei levantamentos sobre os movimentos populacionais para o Município de Leme - SP, local onde nasci e permaneci até minha ida para Rio Claro – SP.

Antes mesmo de escolher a Geografia como um rumo para minha vida, era nítida a presença significante de migrantes em Leme, seja na rua, ainda menina brincando, sempre aparecia alguma criança que acabara de chegar na cidade, vinda do Ceará, ou mesmo na escola, na qual sempre no meio da ano letivo chegava alguma criança vinda da região nordeste.

Além disso, a própria constituição da minha família é de migrantes, que como muitas famílias presentes em Leme, foram atraídas pelo trabalho no campo, e devido à ausência de qualificação trabalharam em safras de diversas culturas como café, algodão, laranja, e principalmente na cana-de-açúcar no município e em cidades vizinhas.

Por este motivo, sempre foi comum ouvir histórias dos mais velhos contanto sobre o sofrimento que passaram até conseguirem certa “estabilidade” em Leme, estabilidade esta não alcançada por todos que se arriscaram a vir para o município.

Como a primeira integrante da família a conseguir ingressar em uma Universidade pública, ainda restrita a maioria dos jovens brasileiros, sinto-me como porta-voz, através de um estudo de caso, para elucidar um fenômeno recorrente que influenciou e influencia a vida de tantos outros frutos da migração que não tiveram a mesma oportunidade, diante desta lógica perversa de exclusão, presente intrinsecamente na estrutura acadêmica deste país. Devido a estes fatos como um sujeito histórico torna-se impossível enaltecer dados estatísticos perante as experiências vividas.

RESUMO:

Este trabalho visa analisar a gênese da migração para o município de Leme - SP, bem como a influência da matriz social nordestina no processo de expansão e reestruturação urbana, através da territorialização da população migrante, em especial de trabalhadores originários do estado do Ceará, a partir do fluxo migratório dos anos 1970. Este processo é evidenciado pela divisão territorial do trabalho, por meio das esferas econômicas, políticas e culturais, através da precarização do trabalho no corte da cana-de-açúcar, pela territorialidade da cultura e da fé nordestina no município, e em decorrência deste processo a formação das redes sociais, cujo sujeito social torna-se reciprocamente objeto, perante a materialidade na qual se insere. Neste sentido, através do diálogo entre as ciências e artes, foi possível fazer um recorte histórico da importância do fenômeno da migração no país, e a relação em escalas distintas que abarca tudo e a todos.

Palavras-chave: **migração; trabalhadores rurais temporários; precarização e divisão territorial do trabalho; territorialidade da fé e da cultura nordestina.**

ABSTRACT:

This paper aims to examine the genesis of migration to the city of Leme-SP, as well as the influence of the social matrix northeastern expansion and redevelopment through the territorialization of the migrant population, particularly workers from the state of Ceará, migration from the 1970s. This process is evidenced by the territorial division of labor, through the economic, political and cultural insecurity through the work of cutting sugar cane, the territoriality of culture and northeastern faith in the city, and becomes another object before the materiality in which occurs. In this aspect, through dialogue between the sciences and arts, it was possible to show the historical importance of the phenomenon of migration in the country, in different scales and relationship that encompasses everything and everyone.

Keywords: **migration; temporary rural workers; precarious and territorial division of labor; territoriality of Northeast faith and culture**

SUMÁRIO

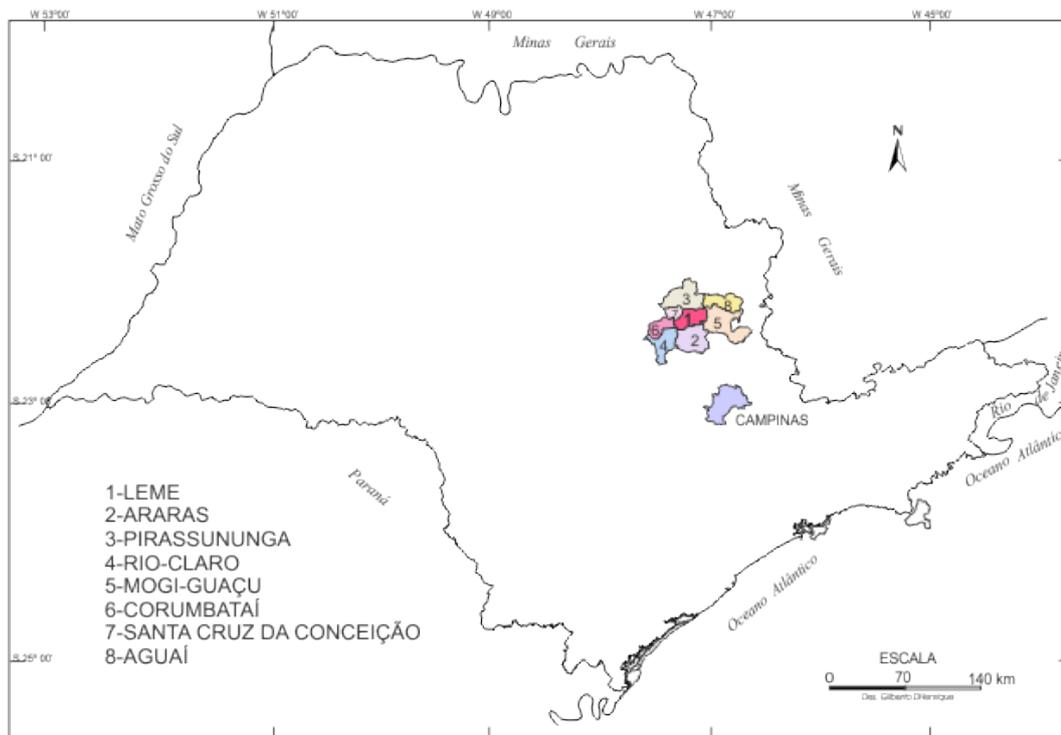
1 INTRODUÇÃO.....	10
2. ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE O FENÔMENO MIGRATÓRIO.....	14
2.1 A migração nordestina.....	18
2.2 O contínuo processo.....	24
3.A PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO NA CULTURA CANAVIEIRA.....	27
3.1 A cidade e o campo – A divisão territorial do trabalho.....	35
4. A TERRITORIALIDADE: LÁ E CÁ.....	39
4.1. Cultura e fé nordestina em Leme-SP.....	44
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	53
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	57
REFERÊNCIAS CONSULTADAS.....	59



1.INTRODUÇÃO:

Este trabalho visa analisar a gênese da migração para o município de Leme¹ - SP, bem como a influência da matriz social nordestina no processo de expansão e reestruturação urbana, através da territorialização da população migrante, em especial de trabalhadores originários do estado do Ceará, a partir do fluxo migratório dos anos 1970. Este processo é evidenciado pela divisão territorial do trabalho, por meio das esferas econômicas, políticas e culturais, o sujeito social torna-se reciprocamente objeto, perante a materialidade na qual se insere.

FIGURA 1: LOCALIZAÇÃO DO MUNICÍPIO DE LEME NO ESTADO DE SÃO PAULO



Fonte: Donizeti, 2010

Organização: Lima, 2010

¹ O município de Leme pertence à quinta Região Administrativa do Estado de São Paulo, cuja sede é Campinas e se localiza na porção sudoeste do Estado. Limita-se com os seguintes municípios: Santa Cruz da Conceição e Pirassununga ao norte; Mogi-Guaçu e Aguaí, a leste; Araras, ao sul e Corumbataí e Rio Claro, a oeste (fig.1). Compreende uma área urbana de 27,92 km² e uma extensão territorial de 430,55 km². Assim como vários município do estado de São Paulo, também foi gerado devido a implantação de ferrovias, no século XIX, que serviam como principal transporte para o escoamento do café para os portos. Localizado ao longo da rodovia Anhanguera, dista 189 km da cidade de São Paulo e 93 km de Campinas.

A escolha do tema justifica-se em virtude de ocorrer na área em questão uma série de problemas associados à inclusão marginal (Martins, 2002) em que são vitimados principalmente os trabalhadores rurais temporários do corte da cana que se abrigam na cidade. Têm-se como hipótese que esta população encontra-se sujeita a uma lógica de trabalho degradante, bem como ao preconceito por parte da sociedade, acarretando com isso altos níveis de segregação sócio-espacial.

Leme não dispõe de políticas públicas capazes de absorver as demandas por moradia, saúde, empregos e outras necessidades desses trabalhadores, neste sentido observa-se a problemática que envolve a população migrante ao se alojar na cidade.

Alguns dos bairros que se caracterizam como áreas de concentração da população migrante são: Jardim Primavera, Parque São Manoel, Jardim Itamarati, Parque das Palmeiras, Jardim Vanessa e Jardim Saulo. Nesses bairros se recria uma sociabilidade a partir da migração buscando restabelecer laços de parentesco, vizinhança, demarcação de novos espaços e de identidade com a sua respectiva cultura regional, em especial, dos processos de reprodução da fé e sua iconografia.

Para a realização deste trabalho, foram feitos trabalhos de campo, com a aplicação da técnica de entrevistas semiestruturadas com pessoas residentes e migrantes no município de Leme e Pedra Branca-CE, com a finalidade de compreender aspectos político-sociais da “cultura do migrante” presentes neste município; estágio na Assistência Social de Leme (em janeiro de 2008 e 2009), na tentativa de colher informações que comprovassem a verdadeira situação de miséria que enfrenta o trabalhador rural temporário quando se aloja na cidade. Além de um trabalho de campo de Leme a Pedra Branca, em Janeiro de 2010, buscando aproximar as duas realidades vividas pelo migrante, no qual foi possível verificar o encontro entre familiares.

Neste sentido pode-se afirmar que a literatura abordada nesta pesquisa vem com o intuito de tocar em pontos, que no trabalho de campo Brandão (2007) nomeia como sutilezas da vida, que somente podem ser tratadas através das artes, pois elas “são uma outra igualmente confiável e talvez mais humana e mais profunda forma essencial do conhecimento”(p.147).

Segundo Kosik (1976) o conhecimento não é contemplação, e se baseia nos resultados da *práxis* humana, além disso, o homem só conhece a realidade na medida em que ele cria a realidade humana e se comporta antes de tudo como ser prático.

Quanto aos aspectos culturais Rosendahl (2002, p.187) alega que: “de fato é pela existência de uma cultura que se cria um território, e é pelo território que se fortalece e se exprime a relação simbólica existente entre a cultura e o espaço”. Nessa linha é que se pretende analisar o contexto da territorialidade e sua construção no município de Leme, através da cultura do migrante e sua relação com os bairros.

No capítulo inicial, portanto, serão feitas “*Algumas reflexões sobre o fenômeno da migração*”, através de autores e conceitos utilizados em pesquisas sobre movimentos populacionais, será discutida a importância da temática, principalmente por se tratar de um fenômeno tão intenso no país, em especial da migração nordestina para outras regiões. Apesar de não ser de hoje que esta temática é abordada em pesquisas, nota-se que a problemática extrapola a esfera científica e abrange até mesmo as artes, na qual encontramos grandes ícones de cultura popular brasileira como, Luiz Gonzaga nas canções “*Pau de Arara*” ou “*Asa Branca*”, na literatura com Graciliano Ramos, em *Vidas Secas* (1939), com Guimarães Rosa, em *Grande Sertão: Veredas* (1979), com o Auto João Cabral de Melo Neto, *Morte e Vida Severina* (1945), na pintura com Cândido Portinari, através das obras *Retirantes* (1936 e 1944) e *Criança Morta* (1944), na literatura de cordel e na xilogravura. Logo, neste capítulo, será feita, a análise da migração nordestina em vários momentos históricos, ligados a expropriação e violência, servindo de mão-de-obra, para outras regiões, e como este processo ocorre atualmente.

No segundo capítulo, *A precarização do trabalho na cultura canavieira*, será espacializado o estudo de caso em Leme-SP, vinculado ao início do grande fluxo migratório nordestino para o município. Sob o contexto histórico do milagre econômico, serão analisados os fatores que impulsionaram a expulsão de muitos trabalhadores rurais, bem como a sua volantização através da criação do Estatuto da Terra, pela Lei nº4504 (de 30/11/1964), e pela modernização agrária, salientada pelo Programa Pró Álcool, que serviu de atrativo de mão-de-obra para o município de Leme-SP. As transformações decorrentes após o declínio do programa, até o atual fenômeno decorrente das parceiras com grupos estrangeiros, em Leme com a Louis Dreyfus. E a relação direta com o trabalhador rural temporário, sujeito a uma lógica degradante de trabalho. Além da hipótese de Leme se comportar como uma cidade-dormitório.

No terceiro capítulo, “*Territorialidade: lá e cá*”, serão analisados, brevemente, os conceitos de espaço geográfico, território, e os elementos que contribuem para a configuração territorial, como por exemplo, o conceito de “territórios-rede” (Haesbert, 2006), cuja importância está atribuída à conexão de laços sociais criados a partir das

descontinuidades e fragmentações de um território ao outro. A partir do estudo destas redes sociais, foi realizado um trabalho de campo, para Pedra Branca - CE para analisar a lógica que vincula os dois municípios, através, então, das esferas políticas, econômicas e culturais, e como se processa a divisão territorial do trabalho a partir da dupla funcionalidade da mão-de-obra exercida por estes trabalhadores.

2. ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE O FENÔMENO DA MIGRAÇÃO

Existe uma enorme dificuldade em analisar o tema proposto, visto que ocorrem divergências entre os que buscam entender o fenômeno da migração, por motivações políticas e ideológicas, visto que o conceito envolve as dimensões de espaço e tempo.

Como por exemplo, para o Censo demográfico, que define como migrantes todos aqueles que se mudaram durante o intervalo das amostras e que faleceram antes de chegar ao final, são computadas como migrantes e seus deslocamentos como sendo migratórios.

“Uma das maneiras de se quantificar movimentos migratórios é cruzar as informações de lugar de nascimento e lugar onde o indivíduo foi recenseado. Os quesitos que investigam o lugar de nascimento do indivíduo permitem derivar informações sobre os movimentos migratórios internos e internacionais. Se no quesito “nasceu neste município”, o indivíduo respondeu que não, o mesmo responder qual a Unidade da Federação ou país estrangeiro de nascimento. No caso do indivíduo ter respondido uma Unidade da Federação diferente da qual pertencia o seu município de nascimento, ficam detectados o lugar de origem (nascimento) e o lugar de destino (onde foi investigado) em nível de Unidade da Federação. Logo, ele será considerado um emigrante em relação à Unidade da Federação de nascimento e imigrante em relação à Unidade em que foi recenseado. Se o indivíduo não nasceu no município, e respondeu um país estrangeiro como de nascimento, ele será considerado como emigrante deste e imigrante internacional no município e Unidade da Federação em que foi recenseado. (Censo demográfico, 2000, fonte: http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2000/migracao/censo2000_migracao.pdf - acesso em outubro de 2011)

Todavia no fenômeno migratório abrange outros fatores, como elucidada Salim (1992):

“a migração é um fenômeno complexo, essencialmente social e com determinações múltiplas, apresenta interações peculiares com as heterogeneidades de uma formação histórico-social concreta. E baseando-se na pluralidade das relações sociais ou dos diversos contextos sociais onde se verificam os processos de mudança, a migração tende a assumir feições próprias, diferenciadas e com implicações distintas para os indivíduos ou grupos sociais que a compõem e a caracterizam.” (SALIM, 1992, p.119)

Salim (1992) na tentativa de englobar a maior parte da produção teórica sobre a temática utiliza a expressão “tronco teórico”, com o intuito de elencar as principais vertentes, subdivididas em três: *modelos neoclássicos contemporâneos* cuja atenção está voltada para a economia do espaço e a gestão capitalista da mão-de-obra. Nesta ótica pressupõem o cálculo racional e a livre decisão dos indivíduos, como Ravenstein (1980), e as “leis empíricas da migração” para generalizar o processo de deslocamento

populacional, incluindo variáveis como distância, tecnologia, sexo e condição econômica.

Conforme (Ravesntein, 1980), na “lei da distância”, por exemplo, a maioria dos migrantes, sobretudo mulheres, tenderia a realizar movimentos de curta distância, como deslocamento do campo para a cidade, enquanto os movimentos de longa distância seriam realizados em sua maioria por homens. Visto que grandes distâncias estariam associadas a custos maiores, tanto material quanto imaterial. Além disso, salienta que a melhoria na integração de transportes, vinculados aos fatores de distância, gênero, são determinantes para o processo migratório.

O segundo tronco, “*perspectiva histórico-estrutural*” vincula-se à tradição dialética do marxismo e responsável por uma ampla produção crítica na América Latina. Analisa as contradições nos grupos e classes sociais perante as forças das estruturas de dominação que explicam a maior ou a menor propensão a migrar. O fenômeno é visto como social, como salienta Vale (2007 p.42) “em que a unidade é o fluxo composto por classes sociais ou grupos socioeconômicos que emanam de estruturas societárias geograficamente delimitadas que explicam o processo da migração”.

Nesta perspectiva, Singer (1980) enfatiza que o mais provável é que a migração seja um processo social, cuja unidade atuante não é o indivíduo, mas o grupo e, pelo caso específico das migrações internas, o caráter coletivo do processo é mais pronunciado. Analisa também que estes dois fatores atuando em conjunto, provocam esses deslocamentos populacionais, sendo o primeiro a expulsão, e o segundo a atração. Alguns dos fatores de expulsão que levam às migrações são de duas ordens: fatores de mudanças, os que decorrem da introdução relações capitalistas nas áreas de produção para subsistência, a qual acarreta a expropriação dos camponeses, a expulsão de agregados, parceiros e outros agricultores não proprietários.

Para este autor, a dinâmica migratória está historicamente condicionada por características estruturais ligadas à industrialização, as mudanças demográficas, sociais e históricas, representadas, sobretudo, pelo crescimento populacional (decorrente da alta fecundidade), pela modernização e também pelas relações de produção.

Haveria dois fatores distintos de expulsão atuando sobre a região de origem: os de mudança e os de estagnação. Nos fatores de mudança as relações capitalistas englobando novas técnicas de produção acarretaria aumento da produtividade local, provocando a redução do nível de emprego, e conseqüentemente o deslocamento populacional para outras regiões, reduzindo o tamanho absoluto da população. Já os fatores de estagnação, seriam decorrentes da pressão populacional sobre os meios de produção agrícola. Neste caso, a migração seria uma decorrência do crescimento vegetativo não acompanhado pela ampliação do número de empregos no campo.

Por se tratar de um processo social, no qual a unidade atuante não é o indivíduo mas sim o grupo, a hipótese levantada é que “o fluxo determina os movimentos unitários e estes podem ser comprometidos no quadro mais geral daquele.” Ou seja, principalmente por razões econômicas, todavia num primeiro momento determinadas classes seriam postas em movimento e, somente num segundo momento haveria uma seletividade dentro destes mesmos grupos.

Os fatores de expulsão indicam as áreas de origem nos fluxos migratórios, mas os de atração determinam a orientação desses fluxos e as áreas para as quais se destinam. Dentre os fatores que contribuem para a atração, destaca-se a demanda para força de trabalho entendido como "oportunidades econômicas", entretanto, há um conjunto de obstáculos que na maioria das vezes, o migrante se depara, como a falta de qualificação necessária e a diferença de seus aspectos socioculturais em relação aos da cidade, por exemplo.

O terceiro tronco seria a *mobilidade da força de trabalho*, que segundo Salim, trata-se da releitura de economistas clássicos que procuram “reinventar” a análise da migração no processo geral de acumulação capitalista. A migração se liga à expansão física e a mobilidade do capital, como complementa Vale (2007, p.44) que ao apresentar “como uma das condições do desenvolvimento das forças produtivas, podendo retratar a própria natureza do ciclo econômico, na medida em que permite o uso extensivo ou intensivo da força de trabalho pelo capital”. Para Gaudemar (1977, p.142 *apud* Vale 2007, p.45) “toda a estratégia capitalista da mobilidade é igualmente estratégia de mobilidade forçada”.

Conforme Vale (2007) ainda ressalta que a mobilidade da força de trabalho situa-se pendular e contraditória entre o crescimento da riqueza e a expansão do excedente populacional relativo. Este último apresentando-se como reserva da força de trabalho imediatamente disponível e tende a ampliar-se com o processo de acumulação. Além disso, o enfoque da mobilidade da força de trabalho permite ainda uma maior atenção à continuidade histórica das políticas migratórias que tem sido propostas e efetivadas no Brasil.

Neste sentido Manuel Correa de Andrade (1985), salienta que a mobilidade da força de trabalho está condicionada aos fatores econômicos de produção, pois à medida que o autor analisa a região nordeste, percebe-se que a migração resulta dos processos vinculados à escassez de terras para o trabalho, visto que as melhores terras estão concentradas pela monocultura, pecuária, e até mesmo pelas terras improdutivas. Os capitais formados na região tendem a emigrar, resultando um ciclo econômico socialmente condenado. Através dos contrastes internos presentes nesta região, o autor salienta a existência de sub-regiões que revelam as características distintas, principalmente em níveis de desenvolvimento, de ocupação, nesta proporção quanto mais desenvolvido, ou maior as possibilidades de trabalho, maior será o fluxo migratório.

A partir da análise dos fatores, ou troncos teóricos, é possível perceber que a categoria trabalho aparece como uma das premissas na relação dos movimentos populacionais, vinculados aos demais processos sociais. Vale ressaltar ainda, a importância das relações subjetivas criadas a partir desta dinâmica, visto que o migrante ao se deslocar carrega sua cultura, sua identidade, que se insere nos caminhos percorridos, e com o passar do tempo se agrega a cultura local através de uma “mescla”, denominada “novas territorialidades”, conforme Haesbaert (2005), a territorialidade além de incorporar uma dimensão estritamente política, diz respeito também às relações econômicas e culturais.

Haesbaert (2005) também aborda a questão da multiterritorialidade, cuja dinâmica é movida pela espacialidade/temporalidade, visto que a partir do momento em que a população se desloca no espaço, não há um fim nem começo, somente uma “territorialidade em processo”.

“Territorialidade” elucidada no Auto de João Cabral de Melo Neto (2008) “Morte e vida Severina”, cuja construção da identidade cultural da figura central, Severino, apresenta diferentes pertencimentos, numa alternância entre sujeito individual coletivo, através dos encontros e desencontros nos espaços da obra, neste sentido, o caminhar permeia toda a trama, utilizando-se de elementos, que evidenciam a territorialidade, como no trecho:

Sei que há muitas vilas grandes,
 cidades que elas são ditas
 sei que há simples arruados,
 sei que há vilas pequeninas,
 todas formando um rosário
 cujas contas fossem vilas,
 de que a estrada fosse a linha.
 Devo rezar tal rosário
 até o mar onde termina,
 saltando de conta em conta,
 passando de vila em vila.(MELO NETO, J. C, p.10, 2008)

2.1 A migração nordestina

Devido a evolução das atividades produtivas, principalmente agrícolas, o Brasil passou por intensas transformações, inclusive a modernização do campo que culminou com a expulsão de milhares de trabalhadores do campo para a cidade, entretanto o fenômeno da migração sempre apareceu ligado aos ciclos econômicos desde a colonização até os dias atuais.

A migração nordestina apareceu, em muitos momentos², ligada a processos de expropriação e violência, servindo de mão-de-obra para as outras regiões do país, como no ciclo da borracha na região norte de 1879 a 1912, tendo uma sobrevida de 1942 a 1945 (período da segunda Guerra Mundial) cujas famílias, já naquela época, eram incentivadas a buscarem trabalho em outras regiões, iludidas com melhores perspectivas de futuro milhares de nordestinos se deslocaram para o trabalho em um dos ciclos mais

² No caso do ouro em Minas foi uma migração geralmente voluntária, devido à dinâmica econômica do ciclo aurífero e à queda de renda relativa da mão-de-obra livre no caso do açúcar. Ver também: Celso Furtado. Formação Econômica do Brasil – no capítulo sobre o complexo econômico nordestino.

curtos da história brasileira. Levados como peões – por *gatos*,³ mercadores de mão-de-obra para os seringais no interior da floresta, eram submetidos por dívida a uma forma de trabalho servil. Essa relação de trabalho foi base para a escravização no regime de peonagem, ou seja, a submissão às condições similares análogas à escravidão.

Fora utilizada mão-de-obra migrante, em especial nordestina, também na construção de Brasília em 1950 e ocupação da região Centro-Oeste, bem como para a crescente indústria de base e construção civil em São Paulo de 1950-1970. Em todos estes casos verifica-se que existem problemas na região, todavia a relação é muito mais complexa, pois toca em pontos como o desenraizamento das pessoas, forjado pelo próprio sistema econômico vigente, como afirma Martins (2003):

“O desenraizamento do camponês não está simplesmente em sua exclusão da terra. É reduzi-lo à única coisa que interessa ao capitalismo, que é a condição de vendedor da sua força de trabalho. (...) E como o capital não tem moral, o trabalhador volta a se confundir, como aconteceria na escravidão com o trabalho propriamente dito. Esse é o trabalho puro. O trabalho que não envolve nenhum encargo social (...)” (MARTINS, 2003, p.121e 136 – grifos da autora).

A indústria da seca aparece como o fator de “problema-fachada” da região, visto que os problemas sociais existem em todo o Nordeste, mas a culpa pela miséria sempre recaiu sobre o fenômeno das secas. De fato, elas muitas vezes inviabilizam as atividades econômicas no sertão, dizimando o gado e fazendo com que os sertanejos deixem suas terras em busca de melhores condições de vida. Mas a seca não é a única responsável por toda a situação.

Questões como a distribuição de renda e de terras costumam ser deixadas de lado nas discussões. Grupos políticos e econômicos aproveitam-se do flagelo da região em benefício próprio. Segundo Andrade (1985) através da divulgação de uma situação de calamidade pública, essa elite consegue ajuda governamental – como anistia das dívidas, verbas de emergência e renegociação de empréstimos. Neste sentido, tais auxílios nem sempre beneficiam a população afetada pela estiagem. Muitas vezes, o dinheiro público é usado para a construção de açudes e para o desenvolvimento de projetos de irrigação para particulares, ou seja, o atraso continua a se reproduzir numa série de medidas que eternizam o problema para impedir que o auxílio desapareça.

A questão da seca não se resume à falta de água. A rigor, não falta água no Nordeste. Faltam soluções para resolver a sua má distribuição e as dificuldades de seu aproveitamento. É "necessário desmitificar a seca como elemento desestabilizador da economia e da vida social nordestina e como

³ Agenciadores de mão-de-obra rural.

fonte de elevadas despesas para a União (...) desmitificar a idéia de que a seca, sendo um fenômeno natural, é responsável pela fome e pela miséria que dominam na região, como se esses elementos estivessem presentes só aí".(Andrade, Manoel Correia, , p. 81,1985).

Este “fator” de repulsão, a seca, vinculado ao poder oligárquico regional, em diversos casos propiciou a saída forçada da população para outras regiões do país, principalmente para o centro-sul, conforme Martins:

“Não era a seca, propriamente, como se dizia desde o século XIX, que respondia pela pobreza dos trabalhadores rurais nordestinos. Era o uso político da seca como pretexto para a obtenção de recursos do governo federal que, no fim, não iam aliviar a miséria dos pobres, mas revigorar a máquina do clientelismo político dos ricos.” (MARTINS, 1994, p. 67 apud Antonio Callado, *Os industriais da Seca e os “Galileus” de Pernambuco*, cit.)

Devido este massivo deslocamento populacional da região, não é de hoje que a migração nordestina é abordada em pesquisas, nota-se que a problemática extrapola a esfera científica e abrange até mesmo as artes, na cultura popular brasileira através da literatura de cordel e da xilogravura, além de ícones da música nordestina como Luiz Gonzaga (canções “*Pau de Arara*” ou “*Asa Branca*”).

“No interior de São Paulo
e nas zonas do Paraná
se encontra tanto nortista
que só perna de embuá
sofrendo que só um pinto
nas unhas de um carcará”
(Arêda, F.S,p.4, sem data - fonte:

www.casaruibarbosa.gov.br/cordel - acesso em outubro de 2011)



Figura 2: Mudança de Sertanejo, de J. Borges Xilogravura sobre o papel 503x376

Fonte: www.gravura.art.br/jborges.asp - acesso em outubro de 2011



Figura 3: Um Pau de Arara para Brasília (2010), de João Bosco Bezerra Bonfim. Xilogravura sobre o papel 18x23

Fonte: www.casadaxilogravura.com.br- acesso em outubro de 2011

Na literatura, além de João Cabral de Melo Neto, já mencionado, a obra de Graciliano Ramos em *Vidas Secas* (1939), é outro exemplo do fenômeno, pois para manter a família viva, Fabiano, o personagem principal, humilha-se diante de determinadas situações, juntamente com sua esposa sinhá Vitória, os filhos, o mais velho e o mais novo, que devido à falta de nome próprio representam a condição de anonimato em que vivem os sertanejos; a cachorra Baleia, humanizada, faz contraponto à animalização da família que acompanha, e o papagaio que somente sabia latir foi sacrificado para que o grupo não morresse de fome. A idéia de fuga constante, o caminhar sem fim permeia toda a história, como no trecho:

“Não voltariam nunca mais, resistiriam à saudade que ataca os sertanejos na mata. Então eles eram bois para morrer tristes por falta de espinhos? Fixar-se-iam muito longe, adotariam costumes diferentes”.
(RAMOS, 1977, p.130)

Com Guimarães Rosa, em *Grande Sertão: Veredas* (1979) a relação de opressão e as contradições da vida do sertanejo são pontos cruciais no desenvolvimento da trama, na qual o homem se confunde com a aridez que o cerca. Através de uma literatura distinta, propositalmente o autor recria uma esfera de dificuldades, onde até mesmo o leitor é desafiado a cada página de leitura. Conforme Moreira (2007) o peso das determinações espaço-temporais sobre seus personagens e suas tramas de vida é tal que com elas sua existência indissociavelmente se confunde, o mesmo autor ainda fala que:

“Na narrativa mordida da inclemência da vida social se confunde com a inclemência da natureza física. O horizonte ilimitado do clima semi-árido é tão abrangente quanto a sufocação do latifúndio dominante na paisagem.(...) A minudência na descrição paisagística do sertão mortificado é relato da interioridade seca e desolada do espírito de um povo sem perspectivas de boas safras de vida (...) No simbolismo da fala, o semi-árido objetivo da paisagem externa é a angústia, a opressão, a expulsão do homem da realidade social na paisagem interna e subjetiva do espírito. (...) a mutualidade existente através do cinza entre semi-árido e latifúndio, representam simbolicamente espaços externo e interno, identificando a unidade objetivo-subjetiva das contradições da existência (des) humana do sertanejo.” MOREIRA, Ruy, 2007, p.145

Na pintura um dos mais conhecidos artistas foi Cândido Portinari, que através de obras do movimento cubista, como *Retirantes* (1936 e 1944) e *Criança Morta* (1944), conseguiu expressar de maneira acentuada as mazelas que enfrentavam a população nordestina migrante, também na primeira metade do século XX (figuras 4,5 e 6).



Figura 4: *Retirantes* (1944) - Painele a óleo/tela 190 x 180 cm

Fonte: www.portinari.org.br - acesso em outubro de 2011



Figura 5: Criança Morta (1944) – Painel a óleo/tela 180 x 190

Fonte: www.portinari.org.br- acesso em outubro de 2011



Figura 6: Retirantes (1936) – Painel a óleo/tela 60x73

Fonte: www.portinari.org.br- acesso em outubro de 2011

Portanto é possível perceber que os movimentos migratórios de origem nordestina foram e ainda são analisados de maneiras distintas, mas como afirma Moreira (2007) existe uma complementaridade entre a ciência e a arte através do

espaço. Nesta perspectiva, a relação criada por João Cabral de Melo Neto ao denominar os migrantes de “severinos”, sintetiza as principais características de um povo assolado por uma lógica de miséria e injustiça, perante o grande capital:

Somos muitos Severinos
iguais em tudo na vida:
na mesma cabeça grande
que a custo é que se equilibra,
no mesmo ventre crescido
sobre as mesmas pernas finas
e iguais também porque o sangue,
que usamos tem pouca tinta. (MELO NETO, J.C. de, p.3, 2008).

2.2 O contínuo processo

Na região nordeste, atualmente os fluxos migratórios caracterizam-se pelos deslocamentos às regiões metropolitanas nacionais; os que migram para outras regiões; os que migram dentro da região, e finalmente o grupo formado pelos trabalhadores rurais temporários, que migram durante o período das safras, seguindo o calendário agrícola do país.

Segundo os últimos dados o IBGE, o fluxo migratório para a região sudeste vem diminuindo e tende a uma estabilização, mas em números totais ainda continua ser o principal destino, e devido aos programas governamentais observa-se também uma redução dos emigrantes na região nordeste, quanto ao saldo migratório percebe-se que a região Centro-Oeste se apresenta a maior atração populacional conforme as tabelas e o gráfico a seguir:

Imigrantes e emigrantes em 2004		
Grandes Regiões	Imigrantes	Emigrantes
Norte	330660	266919
Nordeste	848002	934589
Sudeste	844605	1059913
Sul	305063	270477
Centro-Oeste	534879	331311

Tabela 1: imigrantes e emigrantes por regiões em 2004

Fonte: IBGE 2010 – adaptado por Lima, 2011 – Censo Demográfico 2009

Os dados da tabela 1 referem-se às entradas e saídas da população por regiões do Brasil em 2004, a tabela seguinte, (tabela 2), refere-se aos dados colhidos pelo Censo brasileiro de 2009. Através da composição destas duas tabelas foi feito o saldo

migratório por região, com o intuito de quantificar a migração intraregional no período entre os dois Censos.

Imigrantes e emigrantes em 2009		
Grandes Regiões	Imigrantes	Emigrantes
Norte	184634	219783
Nordeste	541733	729602
Sudeste	656386	688801
Sul	252947	154094
Centro-Oeste	418143	281553

Tabela 2: Imigrantes e emigrantes por regiões em 2009

Fonte: IBGE 2010 – adaptado por Lima, 2011 – Censo Demográfico 2009

Saldo Migratório		
Grandes Regiões	2004	2009
Norte	63741	-35159
Nordeste	-86587	-187869
Sudeste	-215308	-12415
Sul	34586	98853
Centro-Oeste	203568	136590

Tabela 3: Saldo Migratório por regiões 2004/2009

Fonte: IBGE 2010 – adaptado por Lima, 2011 – Censo Demográfico 2009

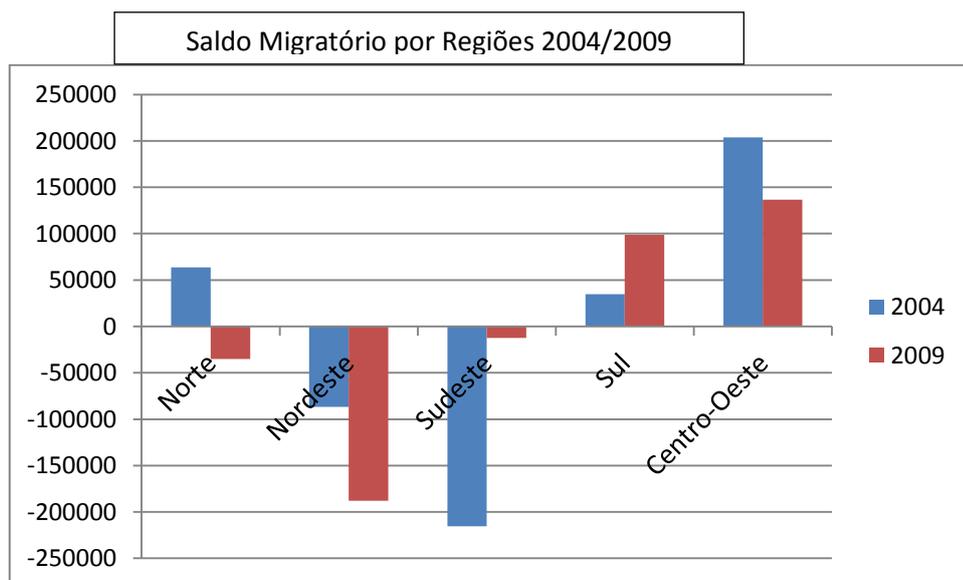


Gráfico 1: Saldo Migratório por Regiões 2004/2009

Fonte: IBGE 2010 - adaptado- Censo Demográfico 2009

No entanto estes dados não conseguem abarcar em sua totalidade a complexidade do fenômeno, principalmente quando se analisa a migração temporária, constituída principalmente por homens jovens e adultos, cuja vida é colocada temporariamente entre “parênteses”, pois como evidencia Martins (2003).

Segundo estimativas da Pastoral dos Migrantes (2008), mais de 200 mil trabalhadores no período da safra da cana, laranja e café no estado de São Paulo são migrantes. Pelo fato de serem temporários, muitas vezes, não são computados pelas estatísticas dos órgãos oficiais. Este fato denota a invisibilidade desta mão-de-obra, agravada pelas relações de trabalho baseadas na precarização do trabalho.

3. A PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO NA CULTURA CANAVIEIRA

O Município de Leme caracteriza-se por uma economia terciária, a exemplo de outros municípios, possui um setor secundário relevante, e o setor primário inexpressivo se comparado com os outros setores conforme o gráfico abaixo:

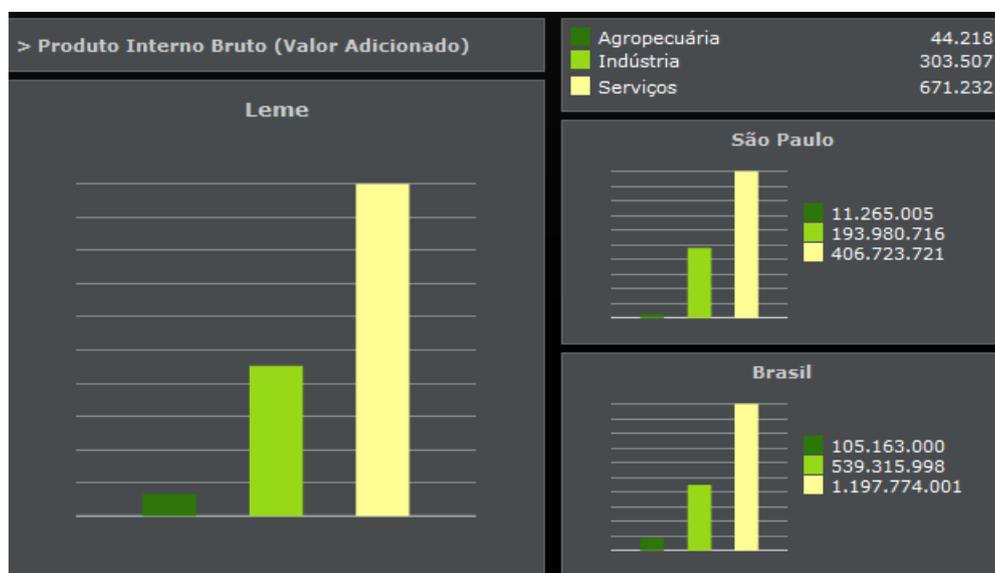


Gráfico 2: Produto Interno Bruto do Município de Leme – SP
 Fonte: IBGE 2010 – adaptado por Lima, 2011 – Censo Demográfico 2009

Mas então porque existe no município uma expressiva quantidade de trabalhadores rurais permanentes e temporários, tomando por base que o grande gerador de capital é o comércio e a indústria? Para se entender a relação que ocorre em Leme é preciso compreender como se desenvolveu a dinâmica migratória na região estudada.

Na década de 1970 se iniciou um intenso deslocamento de trabalhadores rurais temporários para o município, principalmente homens que em seguida traziam seus familiares para fixarem-se. Dentre os principais agentes nesta dinâmica estavam as melhores perspectivas de vida, principalmente para migrantes originários das regiões mais pobres do país, em especial a região do polígono das secas. Pode-se averiguar a expansão urbana principalmente para zona sul e leste, locais povoados, em especial, pela população originária do nordeste brasileiro.

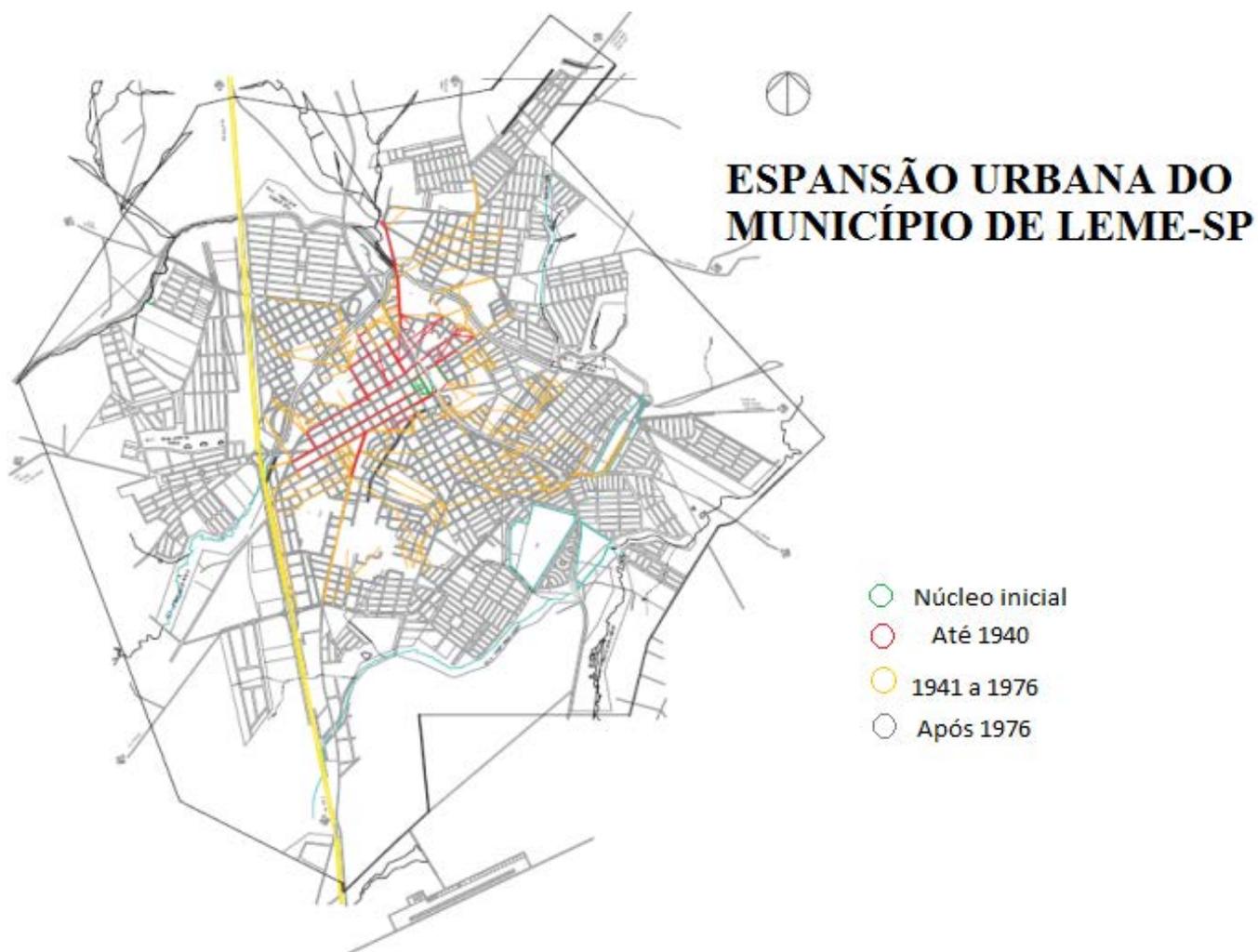


Figura 7: Mapa da expansão urbana do município de Leme-SP a partir do século XIX

Fonte: Plano Diretor do Município de Leme - SP

O período do “milagre econômico” contribuiu para este massivo deslocamento, através de serviços na construção civil e indústrias de base, e devido às políticas desenvolvimentistas, o objetivo principal era a modernização do país, inclusive o campo, visto como o símbolo do atraso nacional.

Todavia, grande parte desta população se deslocou para o interior para trabalharem na zona rural, devido a pouca qualificação, pois muitos a vida inteira somente dominavam o trabalho com a terra.⁴ Desta maneira surge a primeira geração de migrantes vindos do polígono das secas a se estabelecerem no município de Leme, a partir daí o município inicia o processo de atrair mão-de-obra rural.

⁴ Como aconteceu com meus familiares, que primeiramente se estabeleceram na capital e depois seguiram para cidades menores no interior paulista até se fixarem em Leme.

Neste contexto, o Estatuto da Terra, pela Lei nº4504 (de 30/11/1964), cujo objetivo seria a modernização do campo mediante o aumento da produção e da produtividade, contribuiu para a expropriação dos trabalhadores do campo, forjando uma mudança radical na paisagem rural. Complementa tal fato Maria Aparecida de Moraes Silva:

“Essa modernização, muito embora baseada em leis, foi acompanhada da expropriação e da exploração dos pobres no campo (...) foi marcada pela violência cometida não apenas pelos latifundiários como também pelas grandes empresas nacionais e internacionais ligadas ao capital financeiro, que se beneficiaram dos incentivos fiscais para a compra de terras a preços simbólicos.” (SILVA, 2004, p.21).

O projeto modernizador da agricultura assentou-se no tripé: militarização da questão agrária, expropriação de camponeses e aumento da exploração dos trabalhadores rurais. Ou seja, conforme Martins (1985) um projeto destinado a concretizar uma reforma agrária que não representasse um confisco de terras dos grandes fazendeiros, mas que permitisse conciliar a ocupação e utilização das terras com a preservação da propriedade capitalista e da empresa rural, portanto o Estatuto permitia o acesso aos grandes proprietários, mas não a grande massa trabalhadora, com a exceção em casos de extrema tensão social.

“O Estatuto resolvia o problema de uma parte dos trabalhadores do campo e os afastava, esvaziando-a da luta pela Reforma Agrária. De certo modo, a precedência da regulamentação das relações de trabalho implicava, objetivamente, uma opção política pela grande propriedade empresarial apoiada no trabalho assalariado, como a fábrica (...). Ficava assim, comprometida a possibilidade histórica do modelo alternativo – o de uma sociedade cuja agricultura tivesse por base o pequeno empresário agrícola, autônomo.” (MARTINS, 1994, p. 114)

As transformações na agricultura no período demonstram uma tentativa de modernização da agricultura do Estado subordinado à indústria e alterando as relações sociais. Fernandes descreve este processo:

“Em meados da década de sessenta, as quantidades recentes de créditos agrícolas (do Sistema Nacional de Crédito Rural) financiaram a modernização tecnológica para alguns setores da agricultura, de forma que esta passou a depender menos dos recursos naturais e cada vez mais da indústria produtora de insumos, o que consolidou o processo de industrialização da agricultura e promoveu o crescimento das relações de trabalho assalariado” (FERNANDES, 1996, p. 43).

Somado ao Estatuto da Terra, o Programa Brasileiro de Álcool (Proálcool), de 1975, surge como uma proposta energética aos derivados de petróleo e, no plano setorial, como uma alternativa aos empresários que haviam aumentado a capacidade das unidades produtivas.

Sob esta ótica o Programa Proálcool teve três períodos claros, segundo Ramos & Souza foram:

“(...) a expansão moderada (1975-1979), que, pelo financiamento da montagem e ampliação das destilarias anexas às usinas existentes, que aumentou significativamente a área tradicional de açúcar e a destilação de álcool anidro para ser misturado à gasolina; a expansão acelerada (1980-1985), que aumentou a produção de álcool hidratado, para uso em motores a álcool, baseando-se na montagem de destilarias autônomas localizadas nas novas plantações de cana, em regiões anteriormente ocupadas por outras culturas, aparado pela grande disponibilidade de mão-de-obra barata e por fim o período de desaceleração e crise (1986-1990), com o fim dos subsídios ao setor e utilização de políticas de desregulamentação”. (RAMOS, D.A.R. & SOUZA, J.G, p.4, 2004)

Juntamente com a implementação do Próálcool no país, observa-se em Leme-SP, um aumento gradativo de trabalhadores rurais, que nas primeiras décadas se fixam no município, primeiramente nos seus respectivos locais de trabalho, contribuindo com a formação de colônias na zona rural.

.Ao longo da década de 1980 e 1990, juntamente com o declínio do programa, ocorre também uma mudança na relação com os trabalhadores, em Leme a volantização do trabalhador rural é quase completa. A maioria reside na periferia da cidade em um “processo constante de territorialidade”, vista nos bairros onde se predomina a população migrante. Vale ressaltar que este período foi marcado por tensões econômicas e políticas, que desencadeou o movimento do corumbás em 1986 no município. As greves representaram uma guinada no movimento dos trabalhadores rurais no interior de São Paulo, pois, incorporaram uma série de reivindicações novas, referentes ao controle do processo de trabalho e de produção. Todavia os maiores beneficiados foram os empresários rurais, pois além de muitas vezes ignorar os acordos realizados com os trabalhadores, também expulsaram diversos empregados de suas propriedades, contribuindo, desta maneira, com a volantização do trabalhador rural, deixando a cargo dos seus agenciadores a responsabilidade de alojar esta população nas

áreas periféricas do município, isentando-se, desta maneira, da responsabilidade de abrigar os trabalhadores em suas propriedades.

Nos anos 2000, o etanol torna-se um atrativo para a entrada dos grupos estrangeiros no país. Apresentado como nova alternativa de investimentos das multinacionais e dos especuladores.

Os anúncios de novas parcerias, operações de compra e organizações de fundos de investimentos destinados a colocar dinheiro na produção de álcool. De acordo com a Datagro⁵ (consultoria de álcool e açúcar do Brasil), os estrangeiros investiram 2,2 bilhões de dólares no setor desde 2000. Da lista das dez maiores empresas do setor no Brasil, quatro já possuem participação de capital estrangeiro: Cosan, Bonfim, LDC Bioenergia e Guarani. Da produção mundial de 40 bilhões de litros, o Brasil é responsável por uma fatia de cerca de 16 bilhões, porém existem possibilidades de aumentar a sua participação. Segundo a Datagro (2007), a quantidade de cana moída no país deverá aumentar de 473 milhões de toneladas na próxima safra para 700 milhões em 2014. Isso vai exigir investimentos em 114 novas usinas – o Brasil tem 357 unidades em operação e outras 43 em construção.

Conforme a Datagro (2007) também, existem multinacionais norte americanas como a Kidd & Company que detém o controle da usina Coopernavi e participa da empresa Infinity Bio-Energy em conjunto com a corretora Merrill Lynch e a Infinity dona de quatro usinas no país.

A presença de corporações européias e japonesas também compõem as associações brasileiras, como o grupo francês Louis Dreyfus. Nesta conjuntura Leme aparece novamente, visto que a única usina presente no município, a Coimbra Cresciumal⁶, foi uma das primeiras aquisições, do grupo francês que já controla as usinas Luciânia, em Minas Gerais e São Carlos, além de quatro usinas do grupo pernambucano Tavares de Melo. Já o grupo Tereos, também de origem francesa, tem

⁵ Datagro, fonte: <http://www.datagro.com.br>, acessos entre 2008 a 2011

⁶ A Usina Cresciumal, em Leme, foi a primeira a ser adquirida pelo Grupo Louis Dreyfus Commodities no Brasil, em outubro de 2000. Na época, recebeu o nome de Coimbra-Cresciumal S.A, mas até então, a Usina era de propriedade da tradicional família Souza Queiroz. Atualmente, durante o período de safra, a Usina conta com cerca de 1500 colaboradores. Em 2007, a capacidade de processamento atingiu 1,7 milhão de toneladas de cana-de-açúcar.
fonte: <http://www.unica.com.br/associadas/show.asp?mmbCode=%7B9DB9FB79-42C2-4926-8B6B-96349C810BDB%7D>, acesso em setembro de 2011.

6,3% de participação na Cosan, 47,5% da Franco-Brasileira de Açúcar e 100% da Açúcar Guarani (fonte: Datagro, 2007)

E somente com uma usina, os trabalhadores continuam a se deslocar para o município, porém atualmente o perfil desta população caracteriza-se por homens, principalmente jovens que se arriscam anualmente nas “*preitas*”, sob a lógica do serviço contratual que varia de seis a dez meses. Estes jovens migram para Leme no período das safras que ocorrem de março a dezembro, e depois retornam para suas cidades de origem, e ao chegarem vão viver em pensões, alojamentos ou em casas de parentes já residentes, principalmente na região periférica da cidade, além da exploração ser ainda maior, o trabalhador atualmente corta o triplo de cana, para receber a mesma quantia que há vinte anos atrás, tudo isto envolto na lógica da exploração do trabalho, já que agora necessitam competir com as máquinas para o seu sustento. Sendo assim, a imposição de uma produtividade mínima pode ser vista como uma espécie de coerção moral, consistindo numa das formas possíveis da exploração do trabalho pelo agronegócio, o que Thomaz Junior (2002) denominou de padrão de corte no corte. Além disso, Thomaz Jr. juntamente com os autores Azevedo e Oliveira (2006) analisam que:

“Com as inovações tecnológicas implementadas na lavoura canavieira (a mecanização do corte, por exemplo), sobretudo a partir dos anos 1990, não houve outra alternativa para o trabalhador a não ser aumentar a sua produtividade no trabalho, caso contrário seria dispensado do corte de cana. O aumento da produtividade no corte de cana passou a ser condição para a manutenção do emprego. Desse modo, a média de produção diária de corte de um trabalhador passou de 6 para 10 ou 12 toneladas, expressando um aumento de até 100% na produtividade”. (AZEVEDO, J.R.N, THOMAZ Jr,A, OLIVIERA, A.M, p.14, Revista Geografia em Atos, n. 6, Volume 1, Presidente Prudente, Dezembro de 2006)

Neste sentido, a utilização do termo “bóia-fria”,⁷ conforme Silva (1999), remete aos trabalhadores rurais que fazem o corte da cana, nos remete a questão da exploração do trabalho pelo grande capital, pelos usineiros, pelas agroindústrias, visto que estes cortadores trabalham horas seguidas, com um enorme desgaste físico, além disso, estão sujeitos a morte por exaustão física nos canaviais.

Os agenciadores, conhecidos como “gatos” permeiam como panos de fundo em toda a contextualização da migração no país, intermediadores, muitas vezes criam uma expectativa ilusória nesta população; ao se depararem com a real situação a que são submetidos já é tarde demais para tentar retornar ao seu local de origem. Como

⁷ O termo bóia-fria, na perspectiva dos trabalhadores recebe um tom pejorativo, os mesmos se designam como trabalhadores rurais temporários.

complementa Martins (1981), a dívida do trabalhador acaba sendo o elo da corrente que o aprisiona que o escraviza.

Impossibilitado de saldá-la, em razão dos baixos salários recebidos e da parte destinada aos gatos, o trabalhador é submetido por meio de coações físicas (que, às vezes podem levá-lo à morte), e às coações morais. Além disso, os estudos realizados são unânimes em mostrar que o pagamento da dívida é um compromisso moral do trabalhador, ou seja, faz parte das regras e códigos de comportamento dos grupos sociais aos quais pertence. Não sair devendo é o código moral que, paradoxalmente, leva-o a suportar a escravidão (ESTERCI, 1994; FIGUEIRA, 1999; MARTINS, 1999; *apud* SILVA, 2005).

Caso ocorra alguma lesão que os impeça de trabalhar logo são substituídos por outros cortadores, pois é comum a prática de cidades paulistas, e principalmente em Leme, receberem um contingente maior de trabalhadores do que o necessário, isto propicia a formação do exército de reserva (intitulado por Marx), percebe-se aí a lógica perversa que recai sobre o município de receber um contingente populacional maior que o necessário, visto que acirra ainda mais a competição entre os trabalhadores, além de baratear o custo da mão-de-obra. Marx, ao discorrer sobre as formas de exploração da mão-de-obra, mostra esse processo, pois auxilia na compreensão deste processo.

A alienação do trabalhador no seu produto significa não só que o trabalho se transforma em objeto assume uma existência externa, mas que existe independentemente fora dele, e a ele estranho, e se torna um poder autônomo em oposição com ele; que a vida que deu ao objeto se torna força hostil e antagônica. (MARX, 1989, p.160 *apud* THOMAZ, 2002, p.224).

Em entrevistas com os trabalhadores, foi possível averiguar que cortam em média por dia 15 a 16 toneladas de cana-de-açúcar para ganhar uma quantia de aproximadamente R\$ 4,00/tonelada, a variação depende do tipo da cana, caso seja cana de ano (como eles denominam) o valor é menor se comparado com a cana de ano e meio, como afirmaram os trabalhadores E.L, 30 anos, A.E.R, 27 anos e C.C.S, 19 anos. Nesta variação está embutida a produtividade da cana, o valor é proporcional a quantidade de sacarose. Entretanto esta quantidade também pode variar, pois as maiorias dos trabalhadores não têm acesso direto à pesagem da cana, o que torna ainda mais obscura e desigual esta remuneração.

Ao entrevistar um casal em 2008, R.C.S, 47 anos e a sua companheira, I.F.S, 43 anos, que residem em Leme há 21 anos alegaram que:

“tem vez que desmantela todo, tem vez que nem aguenta mais, eu não cheguei a conhecer não, mais teve um ano na São João que morreu até gente – do jeito que baixou a cana – ano retrasado na usina São João”. Dona I.F.S, ainda complementou: “ele tem dores, câimbras no corpo, principalmente nas pernas, no corpo inteiro, no dia que dá câimbra pode parar cedo (o trabalho)(...) tem dias que ele chega com os olhos fundo, vomitando, porque às vezes quando a cana é boa, ele não quer parar pra comer, pra ganhar mais um pouco, aí é onde vem toda a comida na maumita fria. Às vezes eu fico pensando, com vontade de ir embora, to desanimada dos outros fazer pouco caso da gente (...)

Através das entrevistas também se verificou que a maioria dos trabalhadores rurais temporários vem do estado do Ceará em especial do município de Pedra Branca, e cidades vizinhas como Tauá, Independência, Mombaça, Quixeramobim, Craus entre outras. E como aqueles que se alojam em pensões, vivem, geralmente com seis pessoas por quarto, pagando mensalmente um aluguel que varia de R\$ 250,00 a R\$ 300,00, que inclui comida e roupa lavada.

Nestas conversas foi confirmada a hipótese que o município de Leme comporta-se como cidade-dormitório, visto que a maioria dos entrevistados alegou que o corte da cana é realizado em outros municípios como Araras, Pirassununga, Conchal, Piracicaba, Porto Ferreira, Santa Cruz das Palmeiras, entre outras cidades da região, como afirmaram os trabalhadores R.L.S, 26 anos, M.M, 30 anos e A.S.S, 25 anos: “ *a gente sai de madrugada, pra trabalhar na usina Baldin,⁸ a gente corta por dia mais ou menos 16 toneladas de cada, que tá a 3,99 mais ou menos a tonelada*”, conta.

A relação com o grande número de trabalhadores rurais temporários no município é tanta que existem programas como: *Bom Dia Trabalhador Rural*, no qual os trabalhadores recebem pão e leite antes da preita; o *Projeto Migrante/Itinerante*, no qual a prefeitura concede a passagem/passe sob o intermédio da Assistência Social para aqueles que não possuem condições de retorno. Através deste órgão do município, foi possível recolher dados gerias sobre o migrante (2008-2009), e as dificuldades

⁸ A Baldin Bioenergia S.A é a denominação de irmãos Baldin & Cia. Ltda, empresa situada na rodovia Anhanguera km 209, cidade de Pirassununga, estado de São Paulo, desde 1956 atuando na produção e comercialização de Açúcar Cristal, Álcool Etilico Hidratado Carburante e Xarope/Mel provindos da exploração de cana-de-açúcar. Suas áreas de exploração agrícola compreendem os municípios de Pirassununga, Analândia, Santa Rita do Passa Quatro, Descalvado, Santa Cruz da Conceição, Leme, Porto Ferreira, Santa Cruz das Palmeiras, Santa Rosa de Viterbo, Tambaú e Aguaf. Fonte: <http://www.baldin-bioenergia.com.br/>, acessos em setembro de 2011.

enfrentadas por aqueles que não retornam a sua cidade natal por no período entre safras, pois quando acaba este período, estes trabalhadores ficam sem auxílio desemprego, e acabam necessitando de ajuda para manter-se no município, recorrendo à prefeitura.

Entretanto, vale ressaltar que cidade recebe essa população, porém não dispõe totalmente de políticas públicas capazes de absorver as demandas por moradia, saúde, empregos e outras necessidades desses trabalhadores.⁹

Portanto, a exploração existe e de maneira impetuosa age sobre estes novos trabalhadores, que na tentativa de se inserirem nesta sociedade, se submetem a esta lógica degradante de trabalho. Segundo Martins (2003) o moderno entra com a aparência, do traje, do calçado, do equipamento de identificação, do jeito, gestos e modos, nesta trama o maior sonho de consumo destes jovens é a moto (foto), símbolo máximo do “moderno status social”.



Figura 8 e Figura 9: Jovens trabalhadores rurais em Pedra Branca – CE (01/2010)

Fonte: Lima, 2010

3.1. A cidade e o campo – a divisão territorial do trabalho

Para Raffestin (1993), a relação entre poder e território são indissociáveis, visto que, toda relação de poder desempenhada por um sujeito no espaço produz um território, e através das diversas formas de ação e intensidade são originados diferentes

⁹ Por meio de saídas de campo foi possível constatar tais premissas, como por exemplo, no Centro Médico Integrado (CMI) Antônio Makarenko, que atende a maioria dos bairros situados na zona leste da cidade, onde se localiza a maioria dos bairros com grande concentração de migrantes, a precariedade do atendimento devido ao contingente populacional, ou até mesmo, na Santa Casa de Saúde, onde notei um jovem de dezoito anos que havia acabado de deslocar o braço direito devido ao corte da cana. Os acidentes neste trabalho é outro fator importante a se ressaltar, visto que ao entrevistar uma técnica de enfermagem P.C.S, 26 anos, foi relatado que um trabalhador havia ficado cego devido ao corte de uma folha da cana em seu globo ocular, ou mesmo de trabalhadores que perderam movimentos parciais do corpo devido acidentes nos canaviais.

tipos de territórios. O território deve ser estudado tomando como referência os elementos que o produzem:

“O território se forma a partir do espaço, é o resultado de uma ação conduzida por um ator sintagmático (ator que realiza determinadas ações) em qualquer nível. Ao se apropriar de um espaço, concreta ou abstratamente (...) o ator territorializa o espaço.”(RAFFESTIN, C, p.143, 1993)

Outro elemento importante na configuração territorial remete-se as “*redes*”, como propõe Haesbaert (2006), cuja necessidade de compreender o convívio entre territórios-área e territórios-rede, “marcados pela descontinuidade e pela fragmentação que possibilita a passagem constante de um território ao outro”, neste sentido, o papel das redes é indispensável para o entendimento do território. Para o autor, a proposição da nova realidade parte da formação dos territórios, através multiterritorialidade como “fator predominante de relações sociais construídas a partir de territórios-rede, sobrepostos e descontínuos”. Neste sentido, a multiterritorialidade se configura pela “possibilidade de acessar ou conectar diversos territórios, o que pode se manifestar através de uma ‘mobilidade concreta’, no sentido de um deslocamento físico, quanto ‘virtual’, no sentido de acionar diferentes territorialidades mesmo sem deslocamento físico como no ciberespaço”. Neste sentido, acrescenta Haesbaert (1997):

O território envolve sempre, ao mesmo tempo, uma dimensão simbólica, cultural, por meio de uma identidade territorial atribuída pelos grupos sociais, como forma de controle simbólico sobre o espaço onde vivem (sendo também, portanto, uma forma de apropriação), e uma dimensão mais concreta, de caráter político disciplinar: a apropriação e ordenação do espaço como forma de domínio e disciplinarização dos indivíduos (HAESBAERT, 1997, p. 42).

Portanto, as redes se articulam, se interagem, criam conexões entre circulação e comunicação, que dão ao poder uma trama específica. Quem tem o controle das redes tem o poder, quem procura tomar o poder se apropria pouco a pouco das redes de circulação e comunicação, manifestando a dinâmica e suas estratégias.

Conforme os autores Douglas Massey, Rafael Alarcon, Jorge Durand e Humberto Gonzales (2005), as redes migratórias consistem em laços sociais que ligam as comunidades remetentes aos pontos específicos de destino nas sociedades receptoras. Laços que unem migrantes e não migrantes nas sociedades em uma rede complexa de papéis sociais complementares, que são mantidas por um conjunto informal de expectativas mútuas e comportamentos prescritos.

Vale (2008) acrescenta que a frequência e o volume das remessas mandadas pelos migrantes ao lugar de origem e as passagens, previamente pagas por pessoas no destino, revelam a extensão da ajuda mútua evidenciando a importância e a extensão das redes sociais, pois os migrantes investem nos locais de origem, adquirindo imóveis e outros bens de consumo, auxiliando a família, pagando a passagem de futuros migrantes, etc., mostrando uma particular dinâmica social nesses locais, envolvendo pessoas que não migraram nesse processo, neste sentido as redes também transformam as categorias existentes. Além disso, segundo a autora:

Os trabalhos de Matos; Braga (2005), Massey et al (1990), Tilly (1990), Boyd (1989) e Sasaki; Assis (2000) demonstram a importância das redes sociais na articulação dos processos migratórios, enfatizando a solidariedade no interior dos grupos migrantes como uma das características que configuram e sustentam as redes. Entretanto, estes mesmos autores apontam para a ambigüidade dessas relações, pois a própria dinâmica da migração revela que os laços de parentesco, amizade e origem comum são também permeados por conflitos e ambigüidades (Vale 2007, p.135).

Ocorre ambigüidade no processo de exploração do trabalhador, visto que os migrantes recém-chegados, muitas vezes, competem pela produção no próprio grupo, como é evidenciado no documentário “Fragmentos – A (não) aposentadoria” (2010) de Maria Aparecida Moraes Silva, no qual os trabalhadores que mais cortam cana, recebem a premiação do “Podão de Ouro”, atividade praticada para incentivar ainda mais a produção, nesse sentido, a responsabilidade pelo salário recai exclusivamente sobre o trabalhador rural temporário.

Outro fator que caracteriza os processos migratórios contemporâneos são as múltiplas relações tanto na sociedade de destino quanto na de origem.

Para Massey et. al. (1990, *apud* Vale, 2007), não se pode deixar de reconhecer que as ondas migratórias tendem a ser também impulsionadas pelos meios de comunicação de massa. Combinados a esses meios, existem as “redes de interação social”, através das quais as informações e o “sistema de apoio inicial” no lugar de destino são socializados entre os imigrantes.

Nestes fluxos as redes sociais são mais intensas, há uma rede de solidariedade que é idealizada e concretizada no ciclo que amizade que se forma na área de destino, onde o migrante subjetivamente forma um grande território, para superar a seletividade imposta a alguns indivíduos.

O território passa, então, gradativamente, de um território de controle de áreas lógica (típica do Estado -Nação) para um "território-rede" ou de controle de redes onde o movimento e ou a mobilidade passa a ser um elemento fundamental na construção

deste. Então, dentro dessa multiplicidade territorial em que todos (e não só os migrantes) estão mergulhados, analisam-se os traços fundamentais que marca a existência de múltiplos territórios (do tipo mais funcional ou mais simbólico, com os sujeitos que o promovem -empresas, o Estado, grupos culturais -, e com níveis de intensidade da atuação do 'poder'), a experiência cada vez mais intensa daquilo que Haesbaert denomina 'multiterritorialidade'.

O espaço pode ser concebido como um cenário de territorialidades, isto é, entre jurisdições, reais e imaginadas, que incidem sobre os territórios estruturados e habitados. Os territórios plurais são uma multiplicidade de espaços diversos, culturais, sociais e políticos, com conteúdos jurisdicionais em tensão, que produzem formas particulares de identidade territorial, como se todo território (formalmente instituído) implicasse o convívio de múltiplas territorialidades, tanto pela justaposição como pela sobreposição, numa conquista de espaço simbólico de poder. Daí a necessidade de se encarar o território, conseqüentemente a territorialidade, como categoria temporária.

4. A TERRITORIALIDADE: LÁ E CÁ

O trabalho de campo realizado permitiu estudar o processo de retorno dos trabalhadores rurais temporários, a cidade de origem, Pedra Branca – CE¹⁰, em janeiro de 2010, com o intuito de identificar a existência das redes sociais, criadas a partir dos laços que unem os trabalhadores rurais temporários. A saída aconteceu no dia 18/01/2010, o sentimento de despedida era sentido por todos que estavam presentes naquele momento à espera da longa trajetória que fariam de retorno a casa de seus familiares. No ônibus havia uma distribuição dos lugares: à frente mulheres e crianças; ao meio os casais; e ao fundo homens sozinhos.

O ônibus era clandestino, cuja opção por este transporte está diretamente relacionado ao custo, muitos trabalhadores optam por este transporte por ser mais barato que o convencional¹¹. Segundo o funcionário da Rodoviária de Leme-SP, que fornece passagens por uma viação que faz o itinerário para o Ceará: “*os clandestinos são um “mal” necessário, pois a rodoviária não consegue suprir todo o contingente de migrantes.*” Ele alegou que cresceu o número de ônibus clandestinos no município, havendo até pontos de parada espalhados pelos bairros, informação esta confirmada com a maioria dos trabalhadores rurais temporários. Enquanto na época (2010) a passagem oficial variava de R\$280,00 a R\$330,00, a passagem clandestina custava R\$180,00¹².

No momento em que se aproximava a chegada, foi averiguado em certo furor entre os passageiros, a maioria estava muito preocupada com a aparência, pois almejavam causar uma boa impressão com os familiares que permaneceram. Fato que denota a relação com o símbolo, visto que, por mais insalubridades que a maioria dos trabalhadores passou, naquele momento era necessário, para muitos, mostrar para a família que tiveram êxito na trajetória e na preta realizada no outro estado. Neste sentido Silva e Martins (2006) acrescenta:

¹⁰ Pedra Branca possui uma área territorial de 1.290 Km². Congrega três distritos em seu território: Mineirolândia, Santa Cruz do Banabuiú (Cruzeta) e Tróia. Sua sede está localizada na Serra de Santa Rita. Pedra Branca está situada a 261,6 km de Fortaleza. Agricultura de subsistência – com ênfase para o plantio das diversas espécies de milho e feijão - e a pecuária constituem as principais atividades econômicas municipais.

¹¹ No meio do trajeto, ocorreu uma parada inesperada para a fiscalização do automóvel, neste momento houve indícios de suborno para que a viagem prosseguisse.

¹² Preço pago por mim quando viajei.

O retorno, ou melhor, a representação do retorno é carregada destes valores. Logo, os fracassos, as perdas representariam a ruptura com o ideal da partida, o que pode resultar em sanções negativas por parte do grupo. Esta poderia ser a explicação para as ações daqueles que não retornam que desaparecem. O desgarramento familiar pode conduzir ao desenraizamento social e cultural, cujo processo de alienação é reforçado pelo uso de bebidas alcoólicas, que apressam a morte física e social. (SILVA, M.A.M e MARTINS, R.C, 2006, p.100).

Outro fator averiguado em uma das paradas, fora as similaridades entre os ônibus clandestinos, todos caracterizados por um padrão de faixa prateada, conforme a figura abaixo:



Figura 10 e 11: ônibus clandestinos – janeiro de 2010
Fonte: Lima, 2010

No momento em que chegamos ao município, no dia 20/01/2010 foi possível observar o encontro de famílias, e a diferenciação das habitações, cujo dinheiro adquirido nos canaviais paulistas, possibilitou relativas melhorias, vistas principalmente pelas faixadas das moradias, como mostra a figura abaixo:



Figura 12: O encontro entre familiares
Fonte: Lima, 2010

Além disso, ao entrevistar as autoridades e pessoas residentes no município, foi constatado que devido a esta tradição dos movimentos populacionais ao município de Leme-SP, foi criado em Pedra Branca – CE um bairro constituído por trabalhadores rurais que vêm para Leme nos períodos de safra, denominado Bairro do Matador, cujos habitantes são denominados de “*lemistas*” pela própria população local.

Foi possível analisar que muitos destes trabalhadores realizam dupla funcionalidade, pois quando migram para Leme exercem a função de trabalhadores rurais temporários, em contrapartida, ao retornarem, são camponeses em suas pequenas propriedades nas áreas rurais de Pedra Branca, fato averiguado quando foi feita a pesquisa de campo, no bairro do Matador, onde haviam muitas casas fechadas e os poucos vizinhos que se encontravam no local confirmaram que as famílias trabalhavam na roça, e somente à noite retornavam para suas residências. A partir destes dados, pode-se confirmar a divisão territorial do trabalho é percebida nesse fluxo migratório. No de “inverno” no nordeste (dezembro a março), ocorrem as plantações, e no momento da colheita os mesmos trabalhadores deslocam-se para o sudeste, período das safras canavieiras. Logo a colheita de suas próprias plantações é realizada pelos familiares que permanecem (geralmente o responsável pela família e os jovens).

Outra questão analisada foi os jovens trabalhadores que retornam ao município, visto que, como já foi mencionado, muitos acabam se envolvendo com drogas para

suportar as *preitas* nos canaviais. Foi averiguado no Pronto Socorro da cidade com o secretário da Agência Sanitária, e também médico do Pronto do Socorro, que os índices de acidentes aumentam principalmente em decorrência com acidentes de moto somados a utilização de bebidas alcoólicas. Segundo o médico plantonista do município de Pedra Branca-CE, 80% dos acidentes que são atendidos no hospital no período, são causados por acidentes de moto.



Figura 13: P.S Pedra Branca – CE



Figura 14: F.A, 39 anos – acidente de moto.

Fonte: Lima, 01/2010.

No momento da entrevista, chegou exatamente um desses casos no local, em uma média de 90 acidentes por mês, e três óbitos na proporção (fonte: Secretaria da Saúde de Pedra Branca). Sob a perspectiva policial também foi relatado que existe o aumento do número de acidentes quando se têm o retorno da população à cidade. Neste sentido Martins elucidada:

“Retornam parcialmente ressocializados na sociabilidade marginal urbana, dos excluídos, dos sem-lugar (...) ressocializados pela vida solta, fora dos mecanismos de controle social da comunidade e dos parentes, na suposta falsa liberdade do ir e vir. Voltam com outra mentalidade, outros gostos, outras vontades, não raro outra visão de mundo (...). A escala de valores de referência fica alterada, até profundamente, na recusa parcial ou total do modo de vida da sociedade de origem. No entanto, não são ressocializados para a sociedade moderna. O moderno entre como aparência, como cultivo a aparência, do traje, do calçado...”. (MARTINS, 1997, p.143)

Também foi possível averiguar o descaso com as políticas públicas municipais, cujas necessidades básicas como: saúde, educação e segurança são deixados de lado, e assim como em várias cidades do nordeste brasileiro, nem mesmo o prefeito reside no município. Ao entrevistar as autoridades policiais, além de confirmarem o elevado índice de acidentes no município, frisaram que não há investimentos na segurança do município. Fato que foi mostrado em rede nacional, no programa dominical Fantástico

da Rede Globo¹³, cujo título da reportagem era “*Os Novos Cangaceiros*”, onde uma mesma quadrilha assaltou em um mesmo dia o Banco do Brasil e o Bradesco, devido à repercussão do caso ocorrer na cidade, uma audiência municipal observada no dia 28/10/2010. Nesta auditoria o que mais fora discutido foi o aumento da segurança nos bancos, e não melhorias efetivas nas políticas públicas no município, lá estavam presentes autoridades, mas a população, em sua totalidade ao menos fora avisada, ou conscientizada sobre o objetivo da tal auditoria.



Figura 15: Auditoria municipal em Pedra Branca – 28/01/2010
Fonte: Lima, 2010

Através da Assistência Social do município de Pedra Branca-CE foi possível constatar também a relação intrínseca entre o público e o privado, através da indústria canavieira, visto que a própria funcionária realizava a triagem dos trabalhadores que viriam para o município de Leme, segundo ela, as usinas atualmente se relacionam a partir da assistência social para selecionar seus trabalhadores, neste caso, os excluídos da seleção são aqueles que já tiveram antecedentes criminais. Confirma que no ano anterior, uma média de dois mil e quinhentos trabalhadores havia feito o cadastro neste órgão social. Segundo ela: “*Na Usina São João (Araras – SP)* ¹⁴, existe uma equipe que seleciona os trabalhadores através do cadastro da Assistência Social, são realizados exames médicos, para o controle do seguro e suas possíveis eventualidades”.

Situação que fere o código de ética da profissão, pois segundo a LOAS (Lei Orgânica de Assistência Social), capítulo 1:

¹³ Programa exibido em rede nacional no dia 09/01/2010.

¹⁴ O Grupo USJ, é formado pelas usinas S. João, localizada em Araras (SP), S. Francisco, em Quirinópolis (GO) e Cachoeira Dourada, em construção no município de mesmo nome, também em Goiás. Fonte: http://www.usj.com.br/perfil-corporativo_visao.html, acessos em 2010 e 2011.

Das Definições e dos Objetivos

Art. 1º A assistência social, direito do cidadão e dever do Estado, é Política de Seguridade Social não contributiva, que provê os mínimos sociais, realizada através de um conjunto integrado de ações de iniciativa pública e da sociedade, para garantir o atendimento às necessidades básicas. Fonte: <http://www.assistenciasocial.al.gov.br/legislacao/legislacao-federal/LOAS.pdf/view>, acesso em dezembro de 2011.

Além disso, conforme o Código de Ética Profissional do Assistente Social (CFAS), Nº 1985/86, Título II, capítulo III – Do sigredo profissional consta:

4º. – O Assistente Social deve observar o sigilo profissional, sobre todas as informações confiadas e/ou colhidas no exercício profissional.

1º. – A quebra do sigilo só é admissível, quando se tratar de situação cuja gravidade possa trazer prejuízo aos interesses da classe trabalhadora. Fonte: http://www.cfess.org.br/arquivos/CEP_1965.pdf, acesso em dezembro de 2011.

Neste sentido, a relação público- privado torna-se evidente, no que tange principalmente a submissão do Estado ao capital privado.

Percebe-se que os trabalhadores rurais temporários funcionam como massas de trabalho e consumo, pois em Pedra Branca, quando retornam aquecem a economia local com o pouco de capital que conseguem armazenar durante a safra. Em Leme, funcionam como mão-de-obra barata para suprimir a demanda nas agroindústrias canavieiras locais, além de consumir no próprio município, principalmente na alimentação, vestimentas e eletroeletrônicos.

4.1 Cultura e fé nordestina em Leme-SP

Na cidade de Leme-SP os migrantes estão concentrados nos bairros, Jardim Saulo, Jardim Vanessa, Jardim Imperial, Parque das Palmeiras, Jardim Primavera, Parque São Manoel e Jardim Itamarati.

Em especial, no Jardim Saulo, contém grande número de famílias migrantes que se estabeleceram nas décadas anteriores (principalmente na década de 1980), considerada a primeira geração de migrantes na cidade, inicialmente os homens, que logo traziam a família para residir em Leme. A partir da sociabilidade criada no bairro, na busca de restabelecer laços de parentesco, vizinhança, demarcação de novos espaços e de identidade com a sua respectiva cultura regional, em especial, dos processos de reprodução da fé e sua iconografia. Neste período muitos trabalhadores ao chegar ao município residiam também nas propriedades que trabalhavam, como afirma R.C.S, 47 anos “*Quando cheguei, em 1989, em uma casa morava uns 30 peão, num barracão de*

criar frango, com lona por cima. Agora não, se vem um parente você bota dentro de casa”.

Diferentemente do que ocorre atualmente, a principal característica da população migrante consiste em jovens, que permanecem na cidade somente no período da safra, depois retornam a suas respectivas cidades de origem. Muitos ficam alojados em pensões ou em casas de parentes, como já mencionado anteriormente.

As famílias que se fixaram e criaram vínculos com a cidade passaram a reproduzir nos bairros alguns espaços de identidade que revelam a cultura de suas antigas áreas de origem.

Neste sentido, a identidade pode ser interpretada de várias maneiras, uma delas consiste na sobreposição das vidas cotidianas com as relações sociais, culturais, econômicas e políticas, em uma trama de subordinação e dominação.

Através da representação coletiva, do sentimento de pertencimento de um grupo, obtêm-se uma representação simbólica, sendo os elementos particulares de cultura o que os distingue dos demais grupos. Corrêa (2002, p.269) afirma que “a cultura é um fenômeno que se origina, difunde-se e evolui no tempo e no espaço, sendo compreensível no tempo, porém traçável onde se localiza”.

Para Bonnemaïson (2002), o território existe em função da cultura, já Haesbaert (1999) por outra perspectiva, evidencia que o território é a base de uma cultura que envolve simultaneamente a dimensão simbólica, através de uma “identidade territorial” atribuída pelo grupo social.

A partir dessa relação origina-se a territorialidade, que de “resumidamente”, é a corrente entre a população e um território, cujo elo se manifesta pela cultura, através de um processo subjetivo de conscientização (CORRÊA, 2002), por este motivo não há como dissociar cultura e produção do espaço. Como salienta Haesbaert:

A territorialidade, além de incorporar uma dimensão estritamente política, diz respeito também às relações econômicas e culturais, pois está “intimamente ligada ao modo como as pessoas utilizam a terra, como elas próprias se organizam no espaço, e como elas dão significado ao lugar” (Sack, 1986 *apud* Haesbaert 2005, p. 6776).

Com relação ao fluxo migratório dos trabalhadores rurais temporários pode-se averiguar o que Haesbaert denomina de “*multiterritorialidade*”, ou seja, o acúmulo de experiências de vários territórios, um entrecruzamento de diferentes territórios. Ocorre um salto entre a desterritorialização e a reterritorialização, unindo-as sob a égide da

compreensão espaço-tempo e da pluralidade cultural, na reprodução ao entorno. Segundo Vale (2007, p.86) “novas e velhas territorialidades se agregam, numa imaterialidade, engendrada por sua prática, por uma materialidade, também constituída por sua história, substrato para a reprodução do espaço.” Além disso, salienta Haesbaert (2004) que:

“(…) a multiterritorialidade inclui assim uma mudança não apenas quantitativa -pela maior diversidade de territórios que se colocam ao dispor do sujeito (ou, pelo menos, das classes mais privilegiadas) -mas também qualitativa, na medida em que hoje a possibilidade de combinar em uma forma inédita a intervenção e, de certa forma, a vivência, concomitante, de uma enorme gama de diferentes territórios e/ou territorialidades”. (Haesbaert 2004, p. 347)

Portanto o migrante carrega consigo traços culturais ao longo de sua trajetória, que com o tempo agregam-se à cultura local, o que possibilita a mescla e o “processo de territorialidades”. Vale (2008) acrescenta que as territorialidades adquiridas pelo migrante são “culturas, território imaterial de identidade, que se justapõem, vendo que este processo ainda está por acabar, pois a dinamicidade do cotidiano é vital, onde as multiterritorialidades se nutrem de uma especificidade/ temporalidade”.

Quanto à reprodução do espaço urbano, segundo Santos (2007) percebe-se a relação de interposição de tempos, através da manifestação concreta de um modo de produção. A cidade comporta-se como uma projeção da sociedade sobre o espaço pelas construções de bairros, praças, caracterizadas por distintas apropriações do homem. Os traços materiais denotam a história não verbal que se manifesta no espaço. O autor também elucida o cotidiano como a quinta dimensão do espaço, cuja somatória ocorre pelo ciclo da vida e a própria reprodução espacial.

Através das relações existentes no território, Haesbaert (2004) afirma que existe uma combinação de fatores, políticos, econômicos e culturais, que exercem domínio sobre o espaço, em territórios de “funções e significados”.

O mesmo autor ainda acrescenta a relação dentro das novas articulações espaciais em rede, visto que a multiterritorialidade propicia o surgimento de:

“(…) territórios-rede flexíveis, onde o que importa é ter acesso, aos meios que possibilitem a maior mobilidade física dentro da(s) rede (s), ou aos pontos de conexão que permitam “jogar” com as múltiplas modalidades de territórios existentes, criando a partir daí uma nova (multi)territorialidade.” (HAESBAERT, 2005, p. 6787)

Em Leme este processo pode ser evidenciado principalmente nos bairros onde reside a população migrante, principalmente a primeira geração em transição com a

segunda. No Jardim Saulo (zona leste do município), por exemplo, foi construída uma praça e uma capela em homenagem ao padre Cícero Romão em 2005.

A importância deste feito é significativa para uma análise da “territorialidade da fé” (ROSENDAHL; CORRÊA, 2004) reproduzida através dos ícones religiosos, espaços do sagrado, território e cultura.

O santo migrante desloca-se com a população, saindo de Juazeiro do Norte, considerada a “Meca nordestina” (D’Oliveira, 2007, p.19), para as outras regiões do país onde este fluxo foi intenso. Como pode ser visto nas figuras abaixo:



Figura 16: Estátua do Padre Cícero em Leme-SP

Fonte: Lima, 2007



Figura 17: Capela do Padre Cícero em Leme-SP

Fonte: Lima, 2007



Figura 18 e Figura 19: Inauguração da Praça do Padre Cícero em 2005 (Leme-SP) e celebração da missa respectivamente.

Fonte: Lima, 2005

A festa nordestina, que acontece anualmente no mês de julho, também é motivo de atenção, pois ocorre na mesma praça com diversas atrações musicais, artesanatos e comidas típicas (foto). Além disso, segundo a Secretaria da Cultura do Município,

estiveram presentes no 1º ano (2005) 12 mil pessoas, no 2º ano (2006) 15 mil pessoas, no 3º ano (2007) estiveram presentes 18 mil pessoas, em 2008 20 mil, e neste ano (2011) estiveram presentes aproximadamente 25 mil pessoas.

No que tange a duração das festividades observa-se um aumento progressivo de dias, e, conforme os anos foram passando, foi aumentando a duração da festa. Em 2005 ocorrera somente no domingo, no ano seguinte se prolongou para o sábado, em 2007 o iniciou-se na sexta, e este ano (2011) as festividades duraram a semana inteira, com várias atrações na cidade como a apresentação da peça teatral “Vidas Secas”, leitura de cordel, além das tradicionais bandas de forró¹⁵.



Figura 20: Festa Nordestina 2007 em Leme-SP

Fonte: Lima, 2007



¹⁵ Já estiveram presentes na festa cantores como Amado Batista, Frank Aguiar, Bonde do Forró, Reginaldo Rossi e Calcinha Preta, considerados os artistas principais das festividades, através destes é possível verificar a presença da miscigenação cultural agregada, principalmente pela variedade de ritmos e músicas, saindo das melodias tradicionais.

Figura 21:Festa Nordestina 2010 em Leme-SP

Fonte: Lima, 2010

As saídas de campo, no período de festividades, permitiram uma maior aproximação com os trabalhadores rurais temporários, isto porque, por estarem em um ambiente mais descontraído, os entrevistados sentiam-se mais à vontade para conversar e contar suas experiências, todavia é necessário não se criar idealizações, a respeito da receptividade local, pois a “inclusão marginal” (Martins, 2003), que atinge esta população está repercutida em vários aspectos, desde apelidos pejorativos¹⁶, cuja própria população lemensense atribui aos migrantes. A localização da praça e da festa, estão situadas na zona periférica do município, demonstrando um processo de segregação sócio-espacial. Como evidencia Santos (1987):

“Cada homem vale pelo lugar onde está: o seu valor como produtor, consumidor, cidadão, depende de sua localização no território. Seu valor vai mudando incessantemente, para melhor ou para pior em função das diferenças de acessibilidade (tempo, frequência, preço) independentes de sua própria condição. Pessoas com as mesmas virtualidades, a mesma formação e até o mesmo salário têm valor diferente segundo o lugar onde vivem. As oportunidades não são as mesmas. Por isso a possibilidade de ser mais ou menos cidadão depende, em larga proporção, do ponto do território onde se está”. (SANTOS, 1987 p.81)



¹⁶ Através de observações foi constatada uma receptividade parcial dos lemensenses com uma tradição regional do Nordeste, visto que ocorre na cidade preconceitos como apelidos pejorativos à população migrante, o mais comum é denomina-los de “coquinhos”, denotam a cabeça dos migrantes, em uma rede social da internet (orkut) foi criada há um tempo uma comunidade, que fora extinta intitulada: Leme a terra dos “coquinhos”, uma maneira de depreciar ainda mais a população que lá reside.

Figura 22: Festa Nordestina 2008 em Leme-SP

Fonte: Lima, 2008



Figura 23: Festa Nordestina 2010 em Leme-SP

Fonte: Lima, 2010

Foi possível analisar a transformação da migração de *permanente*, onde as famílias se fixavam no município para *sazonal*, há aproximadamente dez anos, pela vinda ao período das safras, e a relação direta com a quantidade de homens que repetem este trajeto anualmente. Os números se concretizaram quando foram entrevistadas as mulheres migrantes, M.A.S, 25 anos, afirmou: “*É mais fácil encontrar homens de Pedra Branca em Leme, do que em Pedra Branca.*”

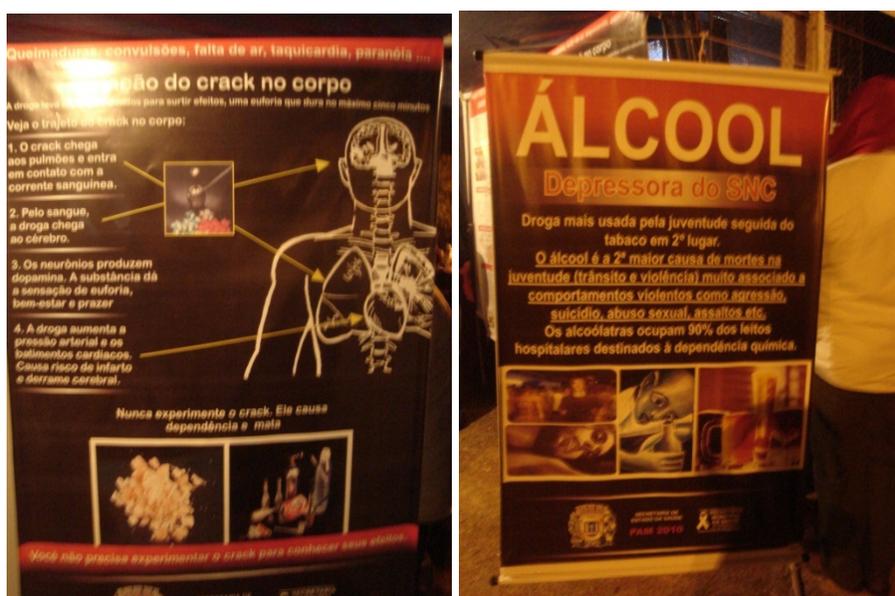
A diminuição do número de mulheres no corte de cana também é evidente, pois se na década de 1980, existia uma certa proporcionalidade entre gênero, atualmente este processo já não ocorre, pois como já foi salientado a exploração nas preitas aumentaram, logo as mulheres tiveram que abandonar este trabalho por ser difícil acompanhar o desempenho dos homens. Muitas foram trabalhar em serviços gerias, principalmente como diaristas, submetendo-se a lógica de exploração mais uma vez, pois não encontram neste trabalho nenhum aparato legislativo que às apoiem.

Outro dado que foi evidenciado nesta pesquisa o uso de entorpecentes pelos trabalhadores rurais temporários. Neste sentido Silva (2006) complementa:

“Quanto ao crack, trata-se de uma droga estimulante, visto que o seu uso possibilita maiores ganhos de produtividade. Este fato, além de invisível, é proibido, pois, numa sociedade permeada pela violência como a brasileira, o silêncio, muitas vezes, é uma estratégia de sobrevivência. O aumento da taxa de exploração põe em risco não somente a força de trabalho, como também o próprio trabalhador”. (SILVA, M. A.M, 2006 p.102)

O agravante é tanto que em 2010 foi colocada uma barraca na festa conscientizando quanto ao uso de alucinógenos (fig. 24 e 25). O gradativo aumento da utilização de drogas se dá pelo fato de que, o trabalho árduo que estes jovens enfrentam diariamente, submetidos a lógica do produtivismo, comparados com máquinas, faz com que utilizem entorpecentes para driblar o cansaço, como cocaína, heroína e principalmente o crack. Além do aumento dos casos de alcoolismo¹⁷. Segundo Silva (2006):

“Para a reposição de energias, muitos trabalhadores fazem o uso de medicamentos (injeções amarelinhas), cujos efeitos para a saúde lhes são totalmente desconhecidos. (...) Estes casos são bastante próximos daqueles descritos por Marx em “O capital”, referentes às indústrias da Inglaterra no século XIX. Era o momento em que o capital não explorava apenas a força do trabalhador, mas o consumia inteiramente. Muitas vidas foram ceifadas em função das longas jornadas e das péssimas condições de trabalho”. (SILVA, M.A. de M., 2006, Pastoral do Migrante, fonte: <http://www.pastoraldomigrante.org.br> – acesso em outubro de 2011)



Figuras 24 e 25: Campanha contra o uso de drogas na Festa Nordestina 2010
Fonte: Lima, 2010

¹⁷ Estudo que exige um aprofundamento futuro.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme Moreira (2007), não há como dissociar a cultura da produção do espaço, pois os processos mais funcionais de dominação e os processos mais simbólicos de sua apropriação são integrados e indissociáveis com outras esferas, como a econômica e a política que efetivam diferentes redes e um determinado campo de forças. Neste sentido Vale acrescenta:

“A formação das redes de circulação e de comunicação contribui para o controle do e no espaço; elas agem como elementos mediadores da reprodução do poder da classe hegemônica e interligam o local, ao global, interferindo diretamente na territorialidade cotidiana dos indivíduos e grupos ou classes sociais”.(Vale,2008, p.131)

Por todos os processos que o migrante passa, no decorrer da trajetória carrega um conjunto de subjetividades adquiridas e acumuladas e que juntamente com a objetividade territorial (as paisagens construídas no espaço) formam o território muito mais significativo e cheios de perspectivas e de uma estabilidade constante.

Essa mobilidade faz a intermediação entre as trajetórias estruturadas social e economicamente e o nível da decisão individual de migrar. Mesmo que, no processo de decisão, esteja envolvida uma forma de alienação, em função do “sonho” de novas possibilidades oferecida pela migração. Não é um processo exclusivamente determinado pelas necessidades estruturais da sociedade e da economia e pelas imposições políticas do Estado, mas conta também com a construção subjetiva sobre o êxito com um novo lugar.

É necessário que se reconheça que as ondas migratórias tendem a ser também impulsionadas pela integração territorial através das redes de comunicações e combinados a esses meios, existem as “redes de interação social”, através das quais as informações e o “sistema de apoio inicial” no lugar de destino são socializados entre os imigrantes, (MASSEY et al., 1990, apud Vale, 2008).

Desta maneira, através de autores e conceitos utilizados em pesquisas sobre movimentos populacionais, foi discutida a importância da temática, principalmente por se tratar de um fenômeno tão intenso no país, em especial da migração nordestina para outras regiões. Esta questão, não é de hoje abordada em diversas pesquisas, no entanto este trabalho teve por objetivo fazer um diálogo entre Ciência e Arte, para demonstrar a relevância desta temática.

E principalmente elucidar que o flagelo da seca, aparece como um “problema-fachada” para a problemática existente no nordeste, muitas vezes não sendo discutida a relação de “reserva de mão-de-obra”, para outras partes do país.

À medida que a divisão territorial do trabalho existente forja mecanismos para que os movimentos migratórios sejam tão intensos no país, os trabalhadores rurais temporários caracterizam-se por uma das extremidades presente nesta desigual relação, pois na outra ponta encontram-se os grandes empresários, mediados pelo capital internacional, que funciona como máquina propulsora da exploração, neste sentido, as relações no território se manifestam em micro escala pelos laços criados entre os migrantes, e em macro escala pela relação de poder.

Percebe-se que a raiz dos problemas do país encontra-se vinculados a questão agrária, em diversos aspectos, nesta pesquisa foi mencionado principalmente a criação do Estatuto da Terra, que na maioria dos casos, serviu para criar mecanismos para que a população fosse expropriada do campo. Articulado a projetos modernizadores que beneficiaram principalmente os grandes proprietários de terras, em detrimento aos camponeses.

O Próalcool surge neste contexto através da lógica industrial no campo, utilizando-se nas diversas etapas de produção mão-de-obra temporária, o que contribui diretamente com a precarização do trabalho nas culturas de cana no país, através da volantização do trabalhador.

Fato que não se modifica nas décadas posteriores, aliás, se aprofunda a precarização do trabalho, principalmente por comparar o trabalhador rural temporário a máquinas na produção. Exigindo cada vez mais altos níveis de produção diária, e descartados futuramente como bagaços de cana.

A invisibilidade desta mão-de-obra, principalmente pela migração temporária, (atualmente), em que os trabalhadores se deslocam para as regiões dos chamados “mar de cana e rios de álcool” (Silva, 2006), através de contratos temporários, consiste no que Martins (2003) denominou de vida colocada temporariamente entre “parênteses”, já que na maioria dos casos não são quantificadas pelos órgãos responsáveis, o que torna ainda mais obscura a exploração nos canaviais.

E ao se estabelecerem nos municípios temporariamente, associam-se ao problema da inclusão marginal (Martins, 2002), pois se encontram marginalizados perante a sociedade, porém estão inseridos na lógica capitalista de exploração e consumo. Neste sentido o estudo de caso no município de Leme-SP, serviu para analisar

a relação da lógica de trabalho degradante, e o preconceito por parte da sociedade, acarretando com isso altos níveis de segregação sócio-espacial.

Os trabalhos de campo realizados entre os municípios de Leme-SP e Pedra Branca-CE, propiciaram uma análise das territorialidades “lá e cá”, somados ao estudo sobre a precarização do trabalhador rural temporários, foi analisada também as relações entre os territórios construídos pela migração, e os reflexos desta dinâmica através das multiterritorialidade, cujo migrante carrega consigo traços culturais ao longo de sua trajetória, que com o tempo agregam-se à cultura local, o que possibilita a mescla e o “processo de territorialidades

Portanto, a partir das análises feitas neste trabalho de conclusão de curso, percebe-se que a exploração e expropriação do trabalhador rural, em especial nordestino, permeiam sob o contexto histórico e econômico do país, através das práticas degradantes de trabalho.

O migrante carrega consigo sua identidade, e pelos caminhos, e estradas percorridos colabora para uma miscigenação cultural no território. A busca por melhores perspectivas de futuro mobilizam anualmente milhares de trabalhadores para os canaviais, a se submeterem a este trabalho degradante, movidos pelo “sonho”, são explorados e discriminados, nem por isso, se esmorecem diante de qualquer situação.

Fortes como carcarás, continuam a sua labuta constante, com promessas de dias melhores, dispersando sua cultura por onde passam, construindo territorialidades, por este motivo a denominação de uma “territorialidade em processo”, pois ela está sempre por acontecer, na trama da multiterritorialidade.

*Sou viramundo virado
nas rondas das maravilhas
cortando a faca e facão
os desatinos da vida
gritando para assustar
a coragem da inimiga
pulando pra não ser preso
pelas cadeias da intriga
prefiro ter toda vida
a vida como inimiga
a ter na morte da vida
minha sorte decidida
Sou viramundo virado
pelo mundo do sertão
mas ainda viro este mundo
Em festa, trabalho e pão
virado será o mundo
E viramundo verão
o virador deste mundo
astuto, mau e ladrão
ser virado pelo mundo
que virou com certidão
ainda viro este mundo
Em festa, trabalho e pão.*

Viramundo - composição: Gilberto Gil & J.Capinan

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, M. C de, **A terra e o homem no nordeste**, 2.ed, São Paulo, Editora Brasiliense, 1964.

_____ **A seca: realidade e mito**. Recife, ed. ASA Pernambuco, 1985.

CORRÊA, R. L & ROSENDHAL, Z. (orgs) **Geografia Cultural: um século (3)**, Rio de Janeiro, Editora UERJ, 2002.

FERNANDES, B.M. **A questão agrária no limiar do século XXI**. Revista Nera.

GIRARDI, E.P, 2009, **Atlas da questão agrária brasileira**.

HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. 3. ed, Rio de Janeiro, Editora Bertrand Brasil, 2007.

_____ **Da desterritorialização à multiterritorialidade**. In: X Encontro de Geógrafos da América Latina. 2005. São Paulo. Anais... São Paulo, USP, p.6774-6792.

_____ **Identidades Territoriais**. In: CORRÊA, R. L & ROSENDHAL, Z. (orgs) **Manifestações da cultura e no espaço**, Rio de Janeiro, Editora UERJ, 1999, p.49-58.

MARTINS, J.S. **A sociedade vista do abismo: novos estudos sobre a exclusão, pobreza e classes sociais**. Petrópolis, Editora Vozes, 2003.

_____ **O poder do atraso: ensaios de sociologia da história lenta**, São Paulo, Editora Hucitec, 1994.

MARTINS, J.S **Exclusão social e a nova desigualdade**, São Paulo, Editora Paulus, 1997.

_____ **A militarização da questão agrária no Brasil (terra e poder: o problema da terra na crise política)**, 2.ed, Petrópolis, Editora Vozes, 1985.

MELO NETO, J. C, **Morte e Vida Severina: e outros poemas**, Rio de Janeiro, Editora Mediafashion, 2008.

MOREIRA, R. **Pensar e ser em Geografia: ensaios de história, epistemologia e ontologia do espaço geográfico**, São Paulo, Editora Contexto, 2007.

RAMOS, D.A.R & SOUZA, J.G **As transformações do setor sucroalcooleiro e seus impactos na composição orgânica do capital: uma análise no setor do município de Sertãozinho-SP**. Jaboticabal, UNESP. Mercado de Trabalho Agrícola, apresentação oral.

SALIM, C.A **Migração: o fato e a controvérsia teórica**. In: VIII ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS. 1991, Campinas. Anais... Campinas: ABEP, 1992. p.119-144.

SANTOS, M. **O espaço do cidadão**. – São Paulo, Editora Nobel, 1987.

SILVA, M.A de M. **Os errantes do fim do século**, São Paulo, Editora UNESP, 1999.

_____ **Trabalho e trabalhadores na região do “Mar de cana e do rio de álcool”**. AGRÁRIA, São Paulo, Nº 2, pp. 2-39, 2005.

_____ **Em Busca do passado para conhecer o presente**. Pastoral do Migrante, disponível em:

http://www.pastoraldomigrante.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=85:em-busca-do-passado-para-conhecer-o-presente-&catid=40:artigos&Itemid=132 – acesso em outubro de 2011

_____ **Lutas & Resistências**, Londrina, v.1, p. 91-106, set. 2006.

THOMAZ, A. Jr. **Por trás dos canaviais, os “nós” da cana**. 1ª ed. São Paulo. Editora Annablume, FAPESP, 2002.

VALE, A.L.F **Migração e Territorialização: As dimensões territoriais dos nordestinos em Boa Vista/RR**. Tese de Doutorado. Presidente Prudente, UNESP, 2007.

7. BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ANDRADE, M.C **Modernização e pobreza: A expansão da agroindústria canavieira e seu impacto ecológico e social**, São Paulo, Editora UNESP, 1994.

BONNEMAISON, J. **Viagem em torno do território**. In: CORRÊA, R. L & ROSENDHAL, Z. (orgs) **Geografia Cultural: um século (3)**, Rio de Janeiro, Editora UERJ, 2002, p.83-131.

BRAY, S. C & SAMPAIO, R.R.: **Planejamento estatal no processo de modernização do setor canavieiro de Porto Feliz**, Revista de Geografia, São Paulo, p.57-67, 1983.

CARVALHO, L.C.C. **Mercado nacional e internacional do açúcar e do álcool**. In: SEMANA DA CANA-DE-AÇÚCAR, São Paulo, artigo, 2005.

CHIAVENATTO, J. J. **Violência no campo**, São Paulo, Editora Moderna, 1997.

KOSIK, K. **Dialética do Concreto**, 2 ed. Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 1976.

MAGNANI, J.G.C. **Festa no Pedaco: Cultura Popular e Lazer na cidade**, 2. ed, S. Paulo, Editora UNESP, 1998.

MANOEL, A. **A política agrícola, eficiência e concentração na agricultura brasileira: um estudo do setor canavieiro paulista**. São Paulo, FEA-USP. Tese de doutorado, 1985.

MARTINS, J.S. **Os camponeses e a política no Brasil**, São Paulo, Editora Vozes, 1981.

_____ **Expropriação e violência: a questão política no campo**, São Paulo, Editora Hucitec, 1980.

_____ **O cativo da terra**, São Paulo, Editora Ciências Humanas, 1981.

RAFFESTIN, C. **Por uma geografia do poder**, São Paulo, Editora Ática, 1993.

RAMOS, G **Vidas Secas**, 38. ed, Rio de Janeiro, Editora Record, 1977.

ROSA, G. **Grandes Sertões: Veredas**, 13 ed., Rio de Janeiro, Editora J. Olympio, 1979.

RAVESNTEIN, E.G. (1980), "**As leis da migração**". In Hélio A. de Moura (coord.), **Migração interna: textos selecionados**, Fortaleza, BNB/ Etene, vol. 1, p. 19-88.

ROSENDAHL, Z. e CORRÊA, R. L. **Introdução a Geografia Cultural**. 2 ed., Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 2007.

SANTOS, M. **Pensando o Espaço do Homem**, 5.ed, S.Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 2007.

_____ **A natureza do espaço: técnica e tempo: razão e emoção**, 3.ed, São Paulo, Editora Hucitec, 1999.

Por uma Geografia Nova: da crítica da Geografia a uma Geografia Crítica, 6 ed, S.Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 2007.

SINGER, P. **Migrações internas: considerações teóricas sobre o seu estudo**. In: Migração Interna, textos selecionados, tomo I, coordenador MOURA, H, Fortaleza, Banco do Nordeste, 1980.

SOARES, A.R. **Um século de economia açucareira: evolução da moderna agroindústria em São Paulo, de 1877 a 1970**, São Paulo: Editora Cliper, 2000.

QUEIROZ, M.I.P. **O Campesinato Brasileiro: Ensaio sobre a Civilização e Grupos Rústicos no Brasil**, Petrópolis, Editora Vozes, 1973.

Revista Exame nº 26, São Paulo, Editora Abril, 2008.

BRASIL, Procuradoria Regional do Trabalho. Disponível em: <http://www.prt7.mpt.gov.br/>, acessos entre 2007 a 2011.

LEME, Prefeitura Municipal. Disponível em: <http://www.leme.sp.gov.br>, acessos entre 2007 a 2011.

Pastoral do Migrante. Disponível: <http://www.pastoraldomigrante.org.br/>, acessos entre 2007 e 2011.

BRASIL, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/>, acessos entre 2007 e 2010.

BRASIL, Datagro: Consultoria de Etanol e Açúcar. Disponível em: <http://www.datagro.com.br>, acessos entre 2008 a 2011.

BRASIL, XILOGRAVURAS: www.gravura.art.br/jborges.asp, acessos outubro de 2011.

BRASIL, Casa da xilogravura. Disponível em: www.casadaxilogravura.com.br, acessos outubro de 2011.

BRASIL, Acervo Cândido Portinari. Disponível em: www.portinari.org.br, acessos outubro de 2011.

BRASIL, Literatura de Cordel, ARÊDA, F. S **A pobreza em reboliço e os paus de araras do norte**, s.l, editora s.n, ano s.d, localização: Lc1260. Disponível em: www.casaruibarbosa.gov.br/cordel/ acessos em outubro de 2011.

BRASIL, UNICA: União da Indústria de Cana-de-açúcar – Etanol, açúcar e energia – São Paulo – Brasil, disponível em: www.unica.com.br/associadas/show.asp?mmbCode=%7B9DB9FB79-42C2-4926-8B6B-96349C810BDB%7D, acessos em setembro de 2011.

BRASIL, Baldin Grupo Bioenergia, disponível em: <http://www.baldin-bioenergia.com.br/>, acessos em setembro e outubro de 2011.

BRASIL, Grupo Usina São João (USJ), disponível em: http://www.usj.com.br/perfil-corporativo_visao.html, acessos em 2010 e 2011.

BRASIL, Código de Ética Profissional do Assistente Social, disponível em: www.cfess.org.br/arquivos/CEP_1965.pdf, acesso em dezembro de 2011.

BRASIL, Lei Orgânica de Assistência Social (LOAS), disponível em : <http://www.assistenciasocial.al.gov.br/legislacao/legislacao-federal/LOAS.pdf/view>, acesso em dezembro de 2011.